



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Janeiro-Fevereiro de 2010



Exemplar avulso: R\$ 9,90



DIRETO DA FONTE

Ninguém pode tirar coisa
alguma de um recipiente vazio

Sábado: Dia de esperança na Palavra, p. 13

Conheça o projeto "Nova Semente", p. 5



O método infalível

Durante nosso primeiro ano de trabalho, minha esposa, Sharon, e eu fomos designados para fazer parte da equipe de um evangelista veterano, com quem deveríamos aprender as mais refinadas técnicas para obter decisões. Durante seis semanas, esperamos ansiosamente pelo início do aprendizado de novas habilidades na arte do trabalho pessoal.

Poucos dias de trabalho foram suficientes para entendermos que podíamos aprender mais observando o que *não* devia ser feito do que buscando um exemplo para imitar. Em sua pregação, aquele evangelista dividia a audiência, apresentando temas irrelevantes, como dizer às mulheres que vestiam calças compridas que elas estavam em caminho à perdição e que não voltassem às reuniões, a menos que se vestissem adequadamente. Como se pode imaginar, quase a metade não voltava.

Então, houve uma demonstração de sua técnica para obter decisões, pela intimidação dos estudantes de uma escola na qual eu dirigia uma semana de oração. Como eu advertia os jovens sobre o perigo de aceitar o plano de meu supervisor, no sentido de serem batizados dentro de duas semanas, certa manhã, depois da mensagem, ele foi à plataforma e anunciou severamente: “Tenho uma pergunta muito simples para vocês: Desejam ir para o inferno ou não?”

Os estudantes ficaram assustados com uma interrogação tão incoerente com as mensagens que estavam recebendo. Os pais ficaram irados. Os professores pediram que não voltássemos e o evangelista denunciou a atitude laodiceana dos envolvidos. Sharon e eu passamos a visitar cada família, e conseguimos muito mais decisões do que obteríamos pregando sobre o fogo do inferno.

Apreendi que o Céu não pode ser proclamado como uma “saída de emergência em caso de incêndio”, e que a melhor motivação para seguir a Jesus brota mais de um relacionamento amoroso, sinceramente interessado no bem-estar, em vez de temor ou intimidação.

Representamos melhor o caráter de Jesus, por meio de um semblante alegre e conduta amistosa em lugar de

severidade e abordagem desagradável. Apreendi a não argumentar nem debater sobre teologia. Nesse caso, posso até ganhar o debate, mas facilmente perder um amigo.

Jesus nos ensina a partilhar Seu amor com as pessoas, convidando-as a conhecê-Lo como seu Salvador. “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’.”¹

Evangelismo é um processo, e este começa fazendo com que as pessoas se alegrem ao me conhecerem como embaixador de Cristo. Se não me aceitarem, provavelmente, não apreciarão a ideia

de conhecer meu Deus. Temos várias orientações que nos ajudam a entender a necessidade de trabalhar à maneira de Jesus.

“O intelecto cultivado é grande tesouro; sem, porém, a suavizante influência da compaixão e

do amor santificado, não é de grande valor. Devemos ter palavras e atos de terna consideração para com os outros. Podemos manifestar mil e uma pequenas atenções em palavras amigas, e olhares aprazíveis, que voltarão de novo para nós. Cristãos irrefletidos, por sua negligência para com outros, manifestam não estar em união com Cristo. É impossível estar unido a Cristo e todavia ser desamorável para com outros, e esquecido de seus direitos. Muitos há que anseiam intensamente por amorosa compaixão.”²

“Na Palavra de Deus somos ensinados a ser bondosos, ternos, compassivos, corteses. Cultivemos amor semelhante ao de Cristo. Tudo que fizermos deve receber o cunho desse amor. Os que não proferem as palavras e não fazem as obras de Cristo estão procurando penetrar no Céu de algum outro modo que não seja passar pela porta.”³ ■

“Cultivemos amor semelhante ao de Cristo. Tudo o que fizermos deve receber o cunho desse amor”

Referências

¹ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.

² _____, *Mente, Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 85.

³ _____, *Este Dia com Deus* [MM 1980], p. 264.

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiléi Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Foto de capa:

Jupiterimages / Stockxpert

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso; James Cress;

Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Edilson Valiante; Edward Heindinger
Zevallos; Feliz Santamaria; Clodoaldo
Barbosa; Horácio Cairus; Ivanaudo B.
Oliveira; Ivancy Araújo; Jair Garcia Góis;
Montano de Barros Netto; Patrício B.
Alfaro; Samuel Jara; Valdilho Quadrado

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVÍCIO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para
a revista **Ministério** deve ser enviado para
o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 47,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,90

 **CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total
ou parcial, por qualquer meio, sem prévia
autorização escrita do autor e da Editora.



Esperança, ontem, hoje e sempre

Depois de terem cruzado as fronteiras proibidas e pisado a terra maldita da desobediência, Adão e Eva compreenderam o terrível poder do mal. Agora, sobre eles, pairavam o peso da culpa e a expectativa sombria da destruição. Dos lábios do Criador, ouviram as consequências que seu pecado acarretara sobre a Terra e a própria vida, e também ouviram a sentença pronunciada contra o originador do mal, travestido de serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o Seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15). Trazendo implícita a garantia de vitória sobre o mal e seu autor, por meio de Cristo, o Salvador vindouro, essa sentença substituiu a angústia pela esperança no coração dos nossos primeiros pais.

Esperança. Esse foi o sentimento alimentado por geração após geração dos filhos de Deus, até que, “vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sobre a lei, para resgatar os que estavam sob a lei” (Gl 4:4, 5). Promessa cumprida. O Salvador chegara com a missão de “salvar o Seu povo dos pecados deles” (Mt 1:21).

Tendo cumprido essa missão, prestes a retornar ao Pai, Cristo plantou em nós a esperança de um futuro melhor, ao prometer que voltará (Jo 14:1-3). Mensageiros celestiais a reafirmaram aos discípulos que, perplexos, O contemplavam ascender ao Céu: “Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao Céu virá do modo como O vistes subir” (At 1:11).

Bendita esperança da volta de Jesus! Para esse evento, fomos chamados à missão de atrair a atenção de um mundo que parece precipitar-se em direção ao colapso total. Consciente do seu dever, nos últimos dois anos, a igreja adventista na América do Sul tem feito desse tema, no contexto do “Projeto Esperança”, a grande motivação para suas atividades missionárias, dizendo à sociedade, através de várias ações e de modo altissonante, que a volta de Cristo é uma realidade alvissareira e quase presente.

Porém, neste ano, o Projeto relacionará com a palavra esperança outra verdade que também faz parte do nosso nome e nossa identidade como igreja: a realidade do sábado como dia bíblico de repouso. Na verdade, o sábado é um dia de esperança, porque Deus nele colocou plenitude de vida. O sábado é vida, é alegria e é repouso. Nele, é produzida a união perfeita do prazer com a liberdade e a disciplina. O sábado foi santificado por Deus e estabelecido para que o homem, liberado de todas as coisas que não concedem santidade, se relacione com o Criador. Esse é um relacionamento que será eternizado com a volta de Jesus, e que também pode ser desfrutado cada dia, no retiro da comunhão, à parte da correria das atividades pastorais ou como parte delas. ■

Zinaldo A. Santos

10 POR ONDE DEVO RECOMEÇAR?

Coisas que o pastor deve fazer, assim que assume um novo distrito ou igreja.

13 DIA DE ESPERANÇA NA PALAVRA

As atividades do sábado não precisam impedir o pastor do contato pessoal com a Bíblia.



16 DIRETO DA FONTE

É essencial que o pastor tenha um plano de ação para sua nutrição espiritual.

20 SEGUNDO A AGENDA DIVINA

O compromisso pastoral vai além de simplesmente satisfazer emergências.

23 A MISSÃO NO LUGAR CERTO

Projetos atestam que a Igreja colabora com *El-Shadday* no cumprimento da missão.

26 A LINGUAGEM POSITIVA DOS NÚMEROS

Um método científico indispensável para avaliar o crescimento de sua igreja.

29 A ARTE DE OUVIR

Pastores habilidosos e competentes não apenas ouvem, mas ouvem ativamente.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO
A CORAÇÃO

“O intelecto cultivado é um grande tesouro; sem, porém, a suavizante influência da compaixão e do amor santificado, não é de grande valor.”

Ellen G. White

Colheita segmentada

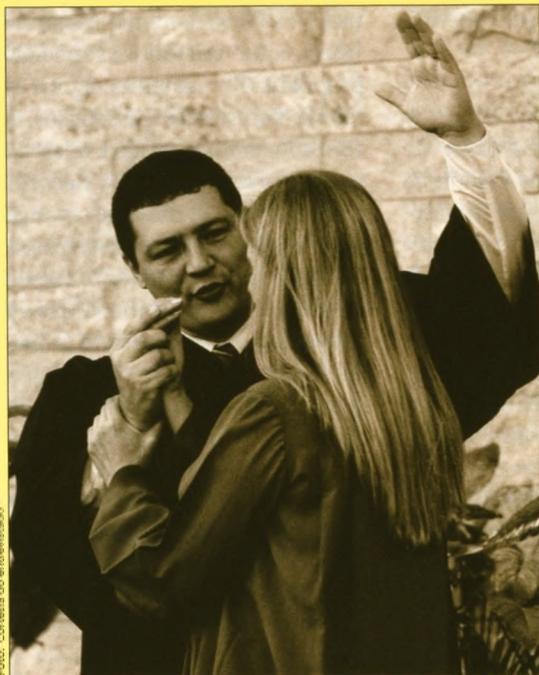


Foto: Contexto do entrevistado

A Igreja Adventista Nova Semente mostra que o coração dos pós-modernos é terreno fértil para a semente do evangelho. O segredo é aprender a plantar

por **Wendel Lima**

A Nova Semente é o primeiro projeto oficial e intencional da Igreja na América do Sul para alcançar os pós-modernos. Ela faz parte das mais de vinte comunidades similares espalhadas pelo mundo e vinculadas ao Centro de Estudos Seculares e Pós-modernos da Associação Geral. Para liderar esse trabalho, que parece ser uma alternativa ao desafio do evangelismo nas metrópoles, foi escolhido o pastor Kleber Gonçalves.

Em 1996, depois de passar pelos distritos paulistanos de Pirituba e Riacho Grande, Kleber embarcou com a esposa para a Universidade Andrews, a fim de buscar formação para evangelizar as mentes pós-mo-

dernas. Nos Estados Unidos, concluiu dois mestrados e o Ph.D em Missiologia, com ênfase em missão urbana e pós-modernismo.

De volta ao Brasil em 2005, iniciou o trabalho com a Nova Semente. Os primeiros seis meses foram dedicados apenas ao recrutamento e treinamento daqueles que fariam parte do “núcleo base”. O desenvolvimento do projeto tem mostrado que trabalhar com esse público exige tempo, investimento e preparo especiais. Nesta entrevista, Kleber explica o pensamento pós-moderno, responde às dúvidas mais frequentes sobre a Nova Semente e oferece uma alternativa para a pregação do evangelho em nossos dias.

Ele é casado há 18 anos com a enfermeira obstetra Nereida Cuéllar Gonçalves, com quem tem três filhos: Isabella (7), Nichollas (5) e Gabriella (2).

Ministério: *Em 2008, pela primeira vez na história humana, a população urbana superou a rural. As grandes metrópoles são, no mundo cristão, o maior desafio evangelístico dos adventistas. O que fazer para alcançar esse público crescente?*

Kleber: Nesse ritmo de crescimento, em 2050, aproximadamente 70% da população mundial estarão vivendo nas grandes cidades. Os números mostram que, juntamente com a pregação ao mundo mulçumano, alcançar as metrópoles é um dos

maiores desafios missiológicos dos adventistas. Diante dessa tendência, outra realidade se consolida: o surgimento e estabelecimento da mentalidade pós-moderna. Essencialmente por seu poder centralizador e pela forte influência de grandes centros intelectuais, a vida urbana pode ser vista e compreendida como a “incubadora ideal” para o crescimento das raízes pós-modernas. Em relação ao evangelismo, a natureza pluralística da vida urbana nos leva a considerar cada contexto, para assim desenvolver metodologias que sejam culturalmente relevantes e teologicamente corretas. Para tanto, é essencial que haja mudança de paradigma: de uma missão centrada na igreja para uma igreja centrada na missão.

“No entanto, apesar de todas as ameaças, sem o pós-modernismo não teríamos uma cultura aberta para a espiritualidade e a experiência em comunidade”

Ministério: *A maioria das pessoas confunde secularismo com pós-modernismo. Quais são as semelhanças e diferenças dos conceitos?*

Kleber: Muitos usam as palavras “secular”, “pluralista” e “pós-moderno” como se fossem sinônimas; no entanto, representam ideias bem diferentes. Uma explicação simplista diria que a pessoa secular não tem sua vida direcionada por qualquer sentimento religioso ou ligação com práticas espirituais. Basicamente, ela não crê em Deus, pois se limita à visão “mundana” e materialista das coisas. Enquanto que o pluralista está sempre propenso a aceitar qualquer influência espiritual. Ele crê em muitos deuses ou em diferentes caminhos para a experiência transcendente. O pós-moderno, por sua vez, apresenta uma visão de mundo bem mais complexa. Ele necessa-

riamente não nega a existência de Deus, mas também não demonstra interesse algum em ter um compromisso com Ele, principalmente se esse relacionamento for através de qualquer religião institucionalizada. O pós-moderno não se considera religioso, mas espiritual. Para ele, o conceito de certo e errado se torna relativo, conforme seu sentimento, intuição e emoção.

Ministério: *O pastor Miroslav Pujic, diretor do Centro de Estudos Seculares e Pós-modernos da Associação Geral, disse que a abordagem tradicional adventista, por valorizar o conhecer antes do pertencer, acaba não atingindo o pós-moderno. O senhor concorda?*

Kleber: Realmente, nossa abordagem evangelística costuma priorizar os aspectos cognitivos e racionais. Por exemplo, o modelo tradicional dos estudos bíblicos: uma pergunta seguida por uma resposta. Vale lembrar que não existe nada de errado com essa metodologia, quando utilizada com pessoas atraídas, primariamente, pela razão. Aliás, para esse público, ela tem se mostrado muito eficaz. Para a mente pós-moderna, as evidências são necessárias, mas não como cartão de visitas. Doutrinação bíblica é essencial, mas não como primeiro passo da caminhada de transformação. No paradigma moderno, o caminho para o coração era a mente, enquanto que, no pós-moderno, é o coração. Isso não significa que a igreja deva aprovar comportamentos contrários ao ensino bíblico, mas que precisa valorizar, antes de tudo, a experiência real da pessoa com Deus e sua aceitação autêntica por parte da comunidade.

Ministério: *Toda mudança parece gerar resistência. No entanto, com o passar do tempo e a demonstração*

de resultados, as ideias inovadoras ganham aceitação e até imitação. O senhor enxerga esse mesmo processo com a Nova Semente?

Kleber: Sem dúvida alguma. Infelizmente, no início do nosso trabalho, surgiram comentários equivocados que criaram uma imagem incorreta do projeto. Mas o tempo e os resultados da Nova Semente mostrarão à Igreja, como um todo, a seriedade da proposta. Obviamente, alguns ajustes são necessários e essenciais, sem, contudo, perder a visão e missão que temos como igreja local. Reconheço a eficácia das estratégias evangelísticas tradicionais para determinados segmentos da sociedade, e respeito a postura da Igreja em mantê-las e promovê-las. Porém, a Nova Semente surgiu com o intuito de evangelizar grupos, até aqui, timidamente abordados. Para cumprirmos a missão, devemos buscar metodologias adequadas para todos “... que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo...” (Ap 14:6). E sem dúvida, os pós-modernos e seculares estão entre as “tribos” a serem alcançadas.

Ministério: *Por terem uma “embalagem” diferente da tradicional, as congregações voltadas para grupos específicos – judeus, árabes e pós-modernos – podem ser classificadas, desavisadamente, como não sendo uma igreja adventista. Para que não fiquem dúvidas, o que é a Nova Semente?*

Kleber: Do ponto de vista doutrinário e organizacional, a Nova Semente é uma congregação adventista como qualquer outra. As distinções são apenas de metodologia evangelística e estrutura ministerial. Temos os mesmos direitos e deveres de qualquer outra igreja da Associação Paulistana. Vale aqui uma explicação sobre o nome, que tem intrigado a muitos. Em primeiro lugar, porque existem igrejas que adotaram um nome relacionado com sua missão e propósito e não com sua localização.

A Pioneer Memorial Church, igreja do campus da Universidade Andrews, é um de muitos exemplos. Nessa linha, a Nova Semente não é identificada pelo bairro paulistano dos Jardins, mas por sua missão. O nome vem da experiência de Zaqueu, relatada em Lucas 19. O estudo do texto nos mostra que Zaqueu queria apenas ver a Jesus (v. 3), não desejava se expor. E foi no anonimato – a seu tempo e do seu jeito – que ele teve o encontro com Aquele que transformou sua vida. O nome “Nova Semente” nada mais é do que uma metáfora do Sicômoro do publicano (por sinal, Zaqueu é o nome que usamos internamente para designar nosso público-alvo). A cada fim de semana, temos a intenção de criar um ambiente propício para os pós-modernos, como primeiro contato. Com o estreitamento do relacionamento com os visitantes, procuramos conduzi-los a uma experiência real com Deus, para que tenham o interesse de conhecer o Salvador, doutrinariamente falando. O passo seguinte é levá-los ao batismo e a uma vida de dedicação completa a Deus, como fiéis adventistas.

Ministério: Há décadas, escritores cristãos, inclusive adventistas, têm alertado para as influências negativas da pós-modernidade, como o relativismo. Sem deixar de vacinar o nosso rebanho a respeito dos riscos da cultura contemporânea, o senhor acredita que é o momento de olharmos para as oportunidades exclusivas do nosso tempo?

Kleber: O relativismo é apenas uma das ameaças do pós-modernismo, porque essa corrente de pensamento também defende a rejeição de metanarrativas universais, a tolerância e promoção do pluralismo religioso e a descontinuidade histórica. No entanto, apesar de todas as ameaças, sem o pós-modernismo não teríamos uma cultura aberta para a espiritualidade e a experiência em comunidade.

Ministério: Por que o pós-moderno tem receio da instituição religiosa?

Kleber: Por causa dos pecados históricos da Igreja Cristã e do testemunho de profetas cristãos, os pós-modernos associam a instituição religiosa à intolerância, arrogância, prepotência e falsidade. Expressões muito usadas por nós, como: “Ah, quando eu aceitei a verdade...” ou: “Um dia você entenderá a verdade...”, para eles soam como inaceitáveis. Assim também, não admitem a afirmação de que Jesus Cristo é o único caminho para a salvação humana. Além da rejeição às afirmações dogmáticas ou absolutistas, os pós-modernos esperam encontrar coerência na vida dos cristãos. A honestidade entre o que se fala e se vive é essencial para eles. Para alcançá-los, vale a frase de Francisco de Assis: “Pregue sempre. Se necessário, use palavras.”

Ministério: O senhor tem dito que a Nova Semente é um projeto que não deve ser copiado integralmente. Por quê?

Kleber: Seria um grande erro “copiar” a metodologia da Nova Se-

“Para a mente pós-moderna, as evidências são necessárias, mas não como cartão de visitas. Doutrinação bíblica é essencial, mas não como primeiro passo da caminhada de transformação”

mente e usá-la, engessada, em outra realidade, porque a nossa estratégia e metodologia foram elaboradas para o contexto da Grande São Paulo. No entanto, diversos princípios utilizados na Nova Semente poderiam ser adaptados para outras igrejas. Entre eles, os ministérios de discipulado, voluntariado e o infantil (Sementinha). Mas vale lembrar que, optar em trabalhar com o público pós-moderno implica mudanças na igreja local, bem como preparo específico da liderança e convicção do chamado para essa missão. ▀

Conheça a Nova Semente

Igreja: estruturada em ministérios e não em departamentos.

Culto evangelístico: chamado de Conexão, sempre aos sábados à tarde (17h e 18h45). Os programas são idênticos, desenvolvidos em forma de uma série temática, que tem o objetivo de tratar da experiência real com Deus.

Classe bíblica: às quartas-feiras, às 20h30. Participam, geralmente, aqueles que foram no programa de sábado e mostraram interesse em conhecer melhor as doutrinas adventistas.

Sábado de manhã: programação voltada para os adventistas e interessados que já guardam o sábado. Tem o formato semelhante ao tradicional. Entre a Escola Sabatina e o culto, é dedicado um momento para o treinamento dos membros e para a confraternização e oração intercessora.

Comunicação: existem ministérios específicos de fotografia, drama, artes, vídeo, áudio e internet. A preocupação constante é adaptar a linguagem para o público que não tem a formação religiosa, e muito menos adventista. O convite para as programações é feito pessoalmente pelos amigos, através de convites no formato de cartão-postal, e eletronicamente, por meio de mala-direta.

Frequência: nas duas sessões evangelísticas assistem cerca de 500 pessoas, sendo em média 135 visitantes (27%).

Crescimento: a igreja tem uma taxa de 10% ao ano, totalizando 41 batismos, desde o fim de 2005.

Para saber + Aceso www.novasemente.org



Templos vivos

Todas as questões com que nos defrontamos giram em torno da adoração: A quem devemos servir? A quem constituiremos soberano da nossa vida?

O certo sempre será certo, mesmo que ninguém o faça.” Essa foi a resposta de um aluno, quando propus que todos escrevessem sobre algo que sempre ouviram a mãe dizer. Isso pode ser muito claro para os adultos e, para quem é cristão, muito mais. Afinal, procuramos viver de acordo com os princípios bíblicos que sempre e em qualquer situação nos apontam o incontestável. O perigo se encontra nas filosofias alojadas na sociedade e que, às vezes, conseguem se infiltrar na igreja causando muitos males.

Por exemplo, filosofias como a da época do Iluminismo,¹ segundo a qual somos responsáveis por criar nossos próprios modelos ou padrões de vida e estes, por sua vez, não são absolutos; tudo depende das exigências da vida. Desse modo, muito do que tem sido defendido durante

anos perde paulatinamente seu valor. Em outros momentos, esses temas são tidos como questões polêmicas ou culturais, carecendo de avaliação criteriosa em determinadas circunstâncias. Um exemplo claro é a adoração.

O melhor para Deus

A palavra adoração se refere ao respeito e reverência ao que é digno. E quem poderia ser mais digno de honra do que Deus? De acordo com Rick Warren, adoração “é expressar o nosso amor por Deus, por quem Ele é, pelo que Ele disse e pelo que está fazendo”.² Se observarmos a maneira de culto de nossos pais, podemos abstrair lições importantes. Apesar de aparecerem diferentes instâncias relacionadas à adoração na Bíblia, muitas vezes a ênfase recai sobre a adoração congregacional. Cada reunião era

precedida por muito preparo, era de suprema importância que todos os participantes estivessem cientes de suas responsabilidades. Por ocasião do *Yom Kippur*, por exemplo, algumas minúcias não podiam ser desconsideradas: a sensibilidade da nação ante o pecado, a roupa do sacerdote, o ritual sacrificial, a entrada no templo, o cântico final de júbilo pela certeza do perdão. Perceba que, para cada item, o próprio Deus deixou revelada a Sua vontade. Tudo era feito com perfeição para Aquele que é perfeito; nada era negligenciado. Isso nos diz muito sobre a maneira pela qual devemos reverenciar Deus, e quais são as características da genuína adoração.

A Bíblia nos diz que somos templos do Espírito Santo: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1Co 3:16). A menção de um templo logo nos traz à mente a imagem de um lugar bem adornado, limpo, organizado, em que se ouvem cânticos e palavras vivas. É certo que existem templos que mais parecem sepulcros caiados: são frios, vazios e escuros. Porém, o texto bíblico se refere ao primeiro caso, onde Deus habita, e desse podemos considerar preciosas lições.

Santuários atraentes

Se somos templos do Espírito de Deus, independentemente do momento ou do lugar, estamos constantemente na presença do Deus vivo. E essa percepção nos leva a uma experiência de adoração sincera e constante. Não é apenas algo espasmódico ou inconstante, apenas no local de reuniões, como muitos parecem imaginar. Nossa vida se torna um cheiro suave que ascende ao Céu. A esse respeito, encontramos, no livro *Mensagens aos Jovens*, a seguinte afirmação: “A verdadeira reverência para com Deus é inspirada pela percepção de Sua infinita grandeza, e de Sua presença. Com essa percepção do Invisível, todo coração deve ser profundamente impressionado”.³ Assim, é necessário que avaliemos a cada instante nosso proceder, nosso falar e pensar. Afinal, o Espírito está em nós.

O modo de nos apresentarmos diante de Deus e dos homens deve revelar a veracidade bem como a ação do evangelho em nossa vida. Assim como, nos tempos bíblicos, acontecia com a vestimenta dos ministros de Deus, o que vestimos deve representar simbolicamente a Cristo. Deve haver modéstia e gosto apurado, levando sempre em consideração aquilo que agrada a Deus, pois é Ele quem deve estar em evidência.

Em nossos dias, a questão cultural é muito enfatizada, porém, esse é um ponto em que devemos ter muito cuidado. Deus não Se agrada das tradições humanas contrárias ao Seu querer. Sua Palavra nos alerta contra o perigo de seguirmos preceitos humanos em detrimento do “assim diz

o Senhor”. A voz do povo longe está de ser a voz de Deus e, nesse sentido, o melhor caminho é seguir o conselho bíblico: “seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus” (1Pe 3:4).

“Os cristãos devem seguir a Cristo, e harmonizar seu traje com a Palavra de Deus. Devem evitar os extremos e seguir humildemente uma orientação coerente, independentemente de aplauso ou censura, e devem apegar-se ao que é correto justamente por ser correto.”⁴

“O modo de nos apresentarmos diante de Deus e dos homens deve revelar a veracidade bem como a ação do evangelho em nossa vida”

O poder do louvor

O louvor é um dos meios mais eficazes para impressionar a mente com as verdades bíblicas. Onde quer que haja verdadeiro louvor, há paz e harmonia. Em quaisquer circunstâncias, o coração do cristão necessita estar sempre envol-

vido com música boa e agradável. Dessa forma, haverá renovação de pensamentos, bem como serão eliminadas da alma a tristeza e a amargura, dando lugar a ações de graças a Deus. Nossa vida será mais feliz, se for um louvor. É assim que comunicaremos a outros a quem pertencemos e seremos envolvidos numa atmosfera celestial. “Exultai, ó justos, no Senhor! Aos retos fica bem louvá-Lo!” (Sl 33:1). Quando o louvor é autêntico, a presença de Deus é certa, “o coração pode ascender para mais perto do Céu nas asas do louvor”.⁵

Em tempos tão perigosos como é o tempo em que vivemos, precisamos ser sóbrios e conhecedores de todas as coisas que tentam se alojar em nossa vida, a fim de minar a influência do Espírito Santo de Deus. Não podemos nos esquecer das armadilhas que o inimigo de Deus tece para nos atrair. Jamais devemos ceder aos princípios do mundo, cujo principal objetivo é desviar nossa atenção daquilo que é puro, agradável, virtuoso e bom. Não nos enganemos: todas as questões com que nos defrontamos giram em torno da adoração: A quem devemos servir? A quem constituiremos soberano da nossa vida?

Como líderes da causa de Deus, necessitamos estar conscientes de nosso papel como templos do Espírito Santo, bem adornados, emissores de louvor. Assim, todos os que se aproximarem de nós verão o poder de Deus atuando em nossa vida e serão influenciados por essa atmosfera bendita. ❧

Referências:

¹ Colin Brown, *Filosofia e Fé Cristã* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2001).

² Rick Warren, *Uma Igreja com Propósitos*, (São Paulo, SP: Editora Vida, 2005), p. 235.

³ Ellen G. White, *Mensagens aos Jovens*, p. 251.

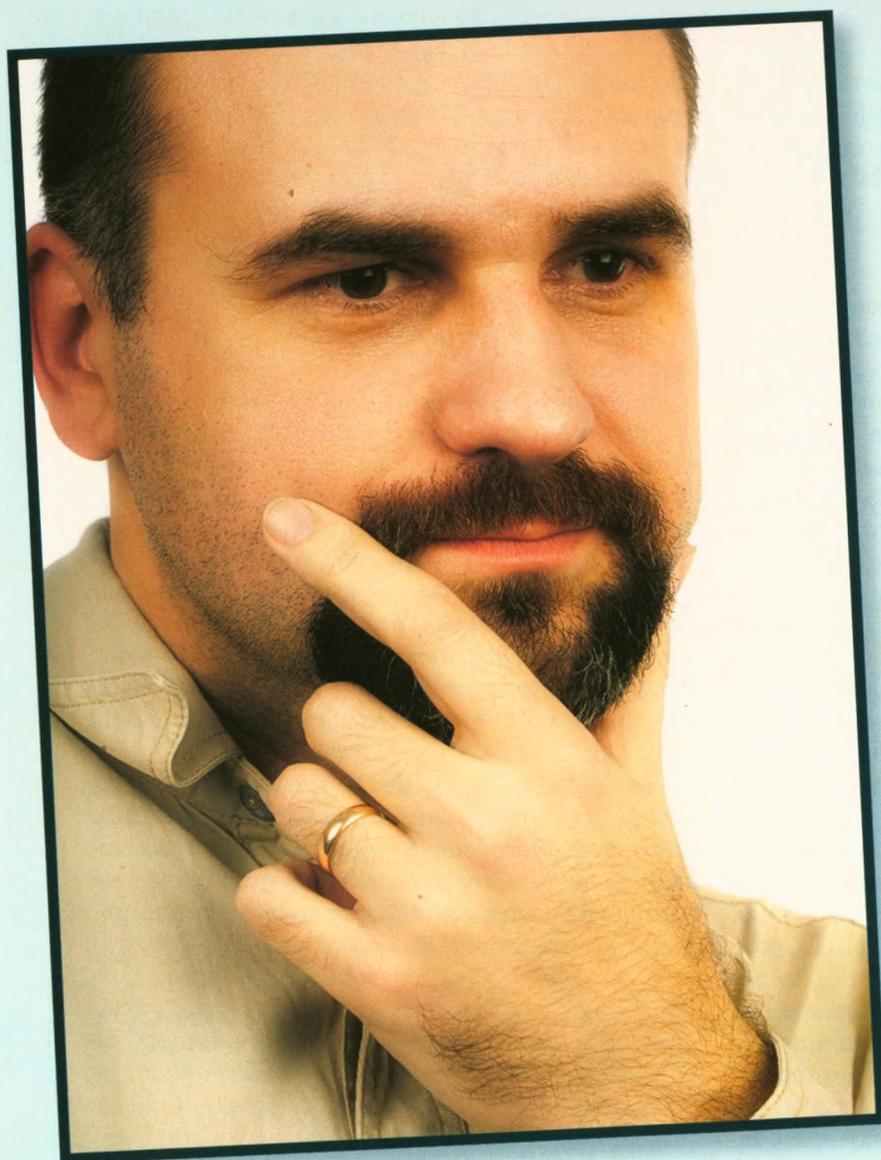
⁴ *Ibid.*, p. 350.

⁵ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 104



Secretário ministerial da
União Norte do Pacífico,
Estados Unidos

Por onde devo recomeçar?



Sugestões que podem ser uma bênção para o pastor e seu ministério em um novo campo de trabalho

Transferência de uma igreja para outra não é um fenômeno estranho aos pastores adventistas. Essa mudança envolve bênçãos e desafios. Embora os pastores achem difícil deixar a antiga igreja, amigos, ambiente familiar, a transferência também é a chance de deixar para trás os erros e desfrutar o recomeço em um novo lugar. Tendo passado por isso muitas vezes, descobri que os primeiros cem dias no novo distrito são importantes para estabelecer o rumo e a visão do nosso ministério para as novas congregações.

Foto: Jupiterimages / Stockxpert

Essa visão e direção incluem pelo menos dez pontos:

1 Comece com um toque transformador (Lc 1:1-3). Durante o primeiro mês, forme uma comissão de evangelismo. Provavelmente, a comissão missionária já exista, mas estabeleça objetivos definidos. Inclua nesse grupo o primeiro ancião e o tesoureiro. Faça da primeira reunião um culto de consagração desses irmãos, enfatizando que os dias das aranhas e suas teias no tanque baptismal estão contados, pois ele será usado regularmente, pelo menos uma vez ao mês.

Estabeleça planos para semear, cultivar e colher em seu novo território, incluindo treinamento para instrutores bíblicos e intercessores. Ao apresentar os planos à comissão da igreja, todos os membros da comissão de evangelismo devem estar presentes. Em seguida, apresente o plano à igreja, como estratégia para alcançar os vizinhos e a comunidade. Nessa ocasião, você deve ter cartões de compromisso, para que sejam preenchidos pelos membros em resposta ao seu apelo para envolvimento. Esse comprometimento público ajuda para que eles compreendam a necessidade individual de capacitação do Espírito Santo. Na programação semanal da igreja, dê oportunidade para testemunhos sobre o que Deus está realizando na vida das pessoas. Faça reuniões regulares de avaliação e incentivo com a comissão. Precisamos ter mais igrejas focalizadas na missão e mobilizadas para o trabalho.

2 Busque o perdido, para fortalecer os salvos (Mt 28:18-20). Mostre que foi enviado por Deus para esse distrito, a fim de “buscar e salvar o perdido” em cooperação com Jesus. Quando os membros se tornam mais envolvidos em partilhar sua fé, orar pela salvação de outros e conquistar pessoas, toda a congregação experimenta crescente fortalecimento. A comissão de evangelismo

pode ser grande aliada nessa tarefa. Nos primeiros meses, tente um ou mais destes passos:

- ◆ Conclua cada sermão com um apelo para o batismo e para a reconsecração da igreja à sua missão.

- ◆ Marque um batismo e um encontro de confraternização para um período de três meses e, a partir daí, mensalmente. Nessa confraternização, os novos crentes e seus amigos são convidados de honra.

- ◆ Identifique os interessados mais próximos de se unir à igreja e coloque-os numa classe especial da Escola Sabatina, preparando-os para o batismo. Indique um ancião como instrutor dessa classe.

- ◆ Planeje uma campanha evangelística ou seminário profético para seis ou oito meses depois de sua chegada. Envolve um ou dois líderes voluntários como seus parceiros na apresentação das palestras. Eles o amarão para sempre e perceberão que evangelizar pessoas não é trabalho exclusivo de profissionais.

- ◆ Entre seus primeiros sermões, pregue sobre a grande comissão, ou as parábolas de Lucas 15 (a ovelha perdida, a dracma perdida e o filho pródigo).

- ◆ Incentive os irmãos a orar em favor de pessoas que gostariam de ver aceitando a Cristo e se tornando membros da igreja nos próximos seis meses.

- ◆ Realize estudos sobre missão, na comissão da igreja ou para toda a igreja, focalizando o livro de Atos e os clássicos de Ellen White, como *Evangelismo*, *Serviço Cristão*, *Obreiros Evangélicos* e *Atos dos Apóstolos*.

3 Envolve-se com a comunidade (Mt 5:13, 14). Você é filho do Rei dos reis e é Seu embaixador na comunidade em que vive e trabalha. Aproveite toda oportunidade para encontrar pessoas. Enquanto interage com funcionários públicos, bancários, caixas de supermercado, vendedores, pastores evangélicos e outras pessoas, ore silenciosamente para que cada um venha a conhecer

Jesus, amá-Lo e servi-Lo. Se possível, apresente-se como o novo pastor adventista do sétimo dia e coloque-se à disposição. Convide essas pessoas para uma visita à igreja. Ao se despedir delas, entregue-lhes alguma literatura inspiradora. Precisamos de mais crentes adventistas que deixem sua luz brilhar, e você pode exemplificar isso em sua comunidade.

4 Siga um calendário de sermões (2Tm 4:1-5). É importantíssimo ter um calendário, semestral ou anual, de sermões. Nesse calendário, reserve um sábado por mês para um ancião, membro da comissão, jovem, ou convidado especial. Quem nunca pregou antes pode contar a história de sua conversão e partilhar textos que fizeram diferença em sua vida. Esteja atento às necessidades da congregação e procure satisfazê-las durante as mensagens.

Seguramente, você deverá preparar séries de sermões sobre Lar e Família, Mordomia Cristã, Dons Espirituais e de doutrinas como: Santuário, Salvação, Segunda Vinda, Sábado, Mortalidade da Alma, e outras. Não se esqueça do sábado dedicado à Ceia do Senhor e aos batismos. Seus primeiros sermões serão mais lembrados que os últimos. Assim, faça de sua igreja um lugar seguro, em que a verdade seja pregada de um coração amoroso e que exalta Jesus.

5 Visite cada membro em casa (At 2:42-47). Estabeleça de um a três dias por semana para visita nos lares, hospitais e prisão. Leve rotativamente consigo um ancião, membro da comissão, jovem, ou novo crente. Assim, você desenvolve futuros líderes. Uma das maiores prioridades é visitar imediatamente os convidados que vão à igreja. Mas, não deixe de atender a todos os membros, animando-os a estudar a Bíblia, fazer o culto doméstico e a descobrir seu ministério específico. Uma visita pastoral deve durar entre 20 e 40 minutos, tempo suficiente para que você aprenda algo sobre a família visitada e

ore em favor de situações específicas, parentes, amigos, irmãos afastados da igreja. Precisamos maior interação entre os membros do corpo de Cristo, para que ele funcione bem. Você pode começar essa interação visitando os lares de sua igreja.

6 *Trabalhe com a comissão da igreja (1Co 1:9, 10).* As reuniões da comissão não precisam ser enfiadas; elas podem ser instrumentos de treinamento para liderança, desenvolvimento e crescimento da igreja. Inicie cada reunião com uma leitura bíblica, oração, reflexão ou relato de uma experiência edificante. Os primeiros itens da agenda devem abordar planos e atividades para conquistar novos membros. Quando isso é feito, tudo o mais flui melhor. Outros itens podem ser tratados mais efetivamente ou adiados até a reunião seguinte. Os membros da comissão ficam mais felizes quando são levados a focalizar *quem* está sendo salvo em vez de *quanto* está sendo salvo.

A cada trimestre, gosto de designar uma reunião da comissão para tratar de negócios: avaliar a visitação, apresentação de relatórios, partilhar vitórias, votar assuntos financeiros e movimento de membros. A igreja cresce espiritualmente, na medida em que seus líderes também crescem no mesmo sentido. Na primeira reunião de comissão em seu novo distrito, desafie cada pessoa a investir dez minutos a mais, por dia durante o mês seguinte, em comunhão pessoal com Deus, e relatar sua experiência no encontro seguinte da comissão.

7 *Junte-se às crianças (Tt 2:6-8).* Encontre formas de se aproximar das crianças da igreja, escola e da comunidade, especialmente durante os dois primeiros meses. Você pode brincar com elas, durante o recreio da escola, contar histórias bíblicas, fazer o devocional no clube de desbravadores, acampar, ajudar a transportar alunos que moram longe. Também pode envolvê-las individualmente no programa de sábado (leitura

bíblica, música especial, coleta de ofertas, oração), ou em grupo (coral, desbravadores equipe de recepção). Precisamos estar certos de que a próxima geração esteja capacitada por cuidadosos e amorosos adultos, para liderar e evangelizar. Você pode modelar isso em sua congregação.

“Embora muitas vezes seja difícil deixar a antiga igreja, a transferência também é uma chance de recomeço”

8 *Entusiasme sua igreja através de pequenos grupos (Hb 10:23-25).* Encoraje o estabelecimento em curto prazo de pequenos grupos, onde os membros possam desfrutar companheirismo, estudar a Bíblia e aprender a ministrar as necessidades mútuas, em vez de depender unicamente do pastor e anciãos. Siga as instruções do Campo para o estabelecimento desses grupos, escolha líderes, assistentes e o lar anfitrião. Os grupos podem se reunir uma vez por semana, em qualquer dia e hora. Oriente os líderes para que os estudos focalizem a Bíblia: personagens, livros, milagres, ou alguma série específica produzida pelo Campo. Contextualize cada estudo em relação às necessidades das pessoas. Os pequenos grupos necessitam se tornar estilo de vida, não apenas um programa da igreja.

9 *Cuide da família e de seu bem-estar (Hb 11:6, 7; 12:2).* Planeje e respeite o tempo diário e o dia semanal da família. Isso inclui momentos de atividades familiares, como culto doméstico, refeições e outras, além de um dia livre por semana. Precisamos de mais famílias fortes, saudáveis e comprometidas na igreja. Você pode exemplificar isso. Planeje e respeite seu bem-estar também. Caminhadas diárias de 30 minutos com minha esposa me

ajudam a clarear a mente, fortalecer e revigorar-me. Frequentemente, avalio minha busca pelos remédios naturais – alimentação, exercício, água, luz solar, temperança, ar puro, repouso e confiança em Deus. Em caso de alguma dificuldade, peço ajuda de Deus para vencer. Ele deseja que prolonguemos nossa vida e nosso ministério. Precisamos de mais membros sadios e felizes na igreja. Você pode exemplificar isso.

10 *Acima de tudo, mantenha comunhão com Deus (Jr 29:11-13).* Uma das minhas citações favoritas está no livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White: “O primeiro e mais elevado dever de todo ser racional é aprender das Escrituras o que é a verdade, e então andar na luz, animando outros a lhe seguirem o exemplo. Devemos dia após dia estudar a Bíblia, diligentemente, ponderando todo pensamento e comparando passagem com passagem. Com o auxílio divino devemos formar nossas opiniões por nós mesmos, visto termos de responder por nós mesmos perante Deus” (p. 598).

Todos nós necessitamos de comunhão pessoal diária com Deus. E não estou me referindo ao tempo empregado no preparo de sermões, embora possamos encontrar alguns versos na Bíblia que pareçam nos dizer: “Pregue sobre mim! Pregue sobre mim!” Animo você no sentido de que, apesar de todas as pressões dos novos desafios, reserve tempo regular, lugar, e planeje se encontrar diariamente com seu Criador e Salvador. Durante esse tempo, Ele renovará seu cérebro e prioridades para o dia, dará ideias que impedirão muitas horas de erros e reafirmará Seu amor e cuidado por você e sua família. Ele é o verdadeiro líder. O trabalho é dEle e Ele mostrará o que deve ser feito cada dia.

Comece o trabalho em seu novo distrito colocando em prática esses itens, e você perceberá seu ministério se tornar uma bênção para quem dá e igualmente a quem recebe. ■



Diretor de Escola Sabatina
para a Divisão Sul-Americana

Dia de esperança na Palavra

*“E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou;
porque nele descansou de toda a obra que,
como Criador, fizera”*



Já se passaram mais de seis mil anos, desde o momento em que foi celebrado o primeiro sábado na Terra; e, no tempo, a distância é fatal. O transcorrer dos dias, meses, anos e séculos, também nesse caso tende a apagar as intenções originais que tinha o Criador, ao instituir esse memorial sagrado. Junto com o passar do tempo, o inimigo atua

no sentido de fazer com que ocorra exatamente isto: a dissipação da lembrança do sábado na mente de homens e mulheres, ou confusão a respeito do seu significado. Durante séculos, os sinceros filhos de Deus têm mantido a observância do sábado entre o legalismo e o liberalismo, a obrigação e o prazer, entre as formas externas e as atitudes do coração.

Porém, o relato bíblico da instituição desse dia, na semana da criação, é contundente ao nos revelar a maneira como Deus o considerou: “Assim, pois, foram acabados os céus e a Terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o

dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera” (Gn 2:1-3).

Ou seja, não existe dúvida quanto ao fato de que Deus santificou o sábado, embora o relato não forneça detalhes quanto ao modo pelo qual Adão e Eva observaram o primeiro sábado. De igual modo, não somos informados a respeito de quantos sábados se passaram entre a criação e a triste experiência da queda do homem no pecado.

Propósito original

Contudo, duas importantes declarações encontradas no livro *Patriarcas e Profetas* nos ajudam a conhecer, com mais precisão, o propósito de Deus, ao instituir o sábado. A primeira nos diz: “Seguindo o exemplo do Criador, deveria o homem repousar neste santo dia, a fim de que, ao olhar para o céu e para a Terra, pudesse refletir na grande obra da criação de Deus; e para que, contemplando as provas da sabedoria e bondade de Deus, pudesse seu coração encher-

se de amor e reverência para com o Criador” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 47).

Perceba três verbos especialmente utilizados nessa declaração: “repousar”, “refletir” e “contemplar”. Eles constituem o caminho através do qual o coração do ser humano se enche “de amor e reverência para com o Criador”. Agora, a segunda afirmação: “Deus viu que um repouso era essencial para o homem, mesmo no Paraíso. Ele necessitava pôr de lado seus próprios interesses e ocupações durante um dia dos sete, para que pudesse de maneira mais ampla contemplar as obras de Deus e meditar em Seu poder e bondade. Necessitava de um sábado para, de maneira mais vívida, o fazer lembrar de Deus, e para despertar-lhe gratidão, visto que tudo quanto desfrutava e possuía viera das benignas mãos do Criador” (*Ibid.*, p. 48).

Aqui, os principais verbos são: “deixar”, “contemplar” e “meditar”, que contêm a mesma ideia. Assim sendo, de acordo com a primeira citação, o sábado foi instituído a fim de que o coração humano se enchesse

de amor e de reverência para com o Criador. A segunda declaração afirma que a instituição desse dia tem como objetivo possibilitar ao homem a oportunidade de manifestar gratidão a Deus, em virtude das maravilhas criadas. Ainda hoje, as atividades realizadas durante as horas sabáticas devem nos inspirar os mesmos sentimentos de amor, reverência, admiração, louvor e gratidão.

Depois do pecado

No ambiente puro e santo do Éden, antes que a mácula do pecado fosse nele introduzida, gratidão e adoração eram os sentimentos naturais da criatura para com seu Criador. Porém, após a entrada do pecado, surgiu mais um motivo de agradecimento, esboçado no primeiro anúncio da vinda de um Salvador: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3:15). Esse texto nos apresenta o plano da redenção, desenhado pelo amor eterno de Deus. A entrada do pecado e o passar do tempo não fizeram mais que aumentar essa necessidade. E a função do sábado se torna cada vez mais nítida: adoração a Deus, criador do céu, da Terra, do mar e de tudo o que neles existe.

É certo que Ele necessitou definir em termos práticos, para o povo de Israel, o que significava “deixar”, “repousar”, “refletir”, “contemplar”. Com isso, desejava mostrar meios

“No Éden, Deus estabeleceu o memorial de Sua obra da criação, depondo Sua bênção sobre o sétimo dia. O sábado foi confiado a Adão, pai e representante de toda a família humana. Sua observância deveria ser um ato de grato reconhecimento, por parte de todos os que morassem sobre a Terra, de que Deus era seu Criador e legítimo Soberano; de que eles eram a obra de Suas mãos, e súditos de Sua autoridade. Assim, a instituição era inteiramente comemorativa, e foi dada a toda a humanidade. Nada havia nela prefigurativo, ou de aplicação restrita a qualquer povo.”

“Era o designio de Deus que o sábado encaminhasse a mente dos homens à contemplação de Suas obras criadas. A natureza fala aos sentidos, declarando que há um Deus vivo, Criador e supremo Governador de tudo. A beleza que reveste a Terra é um sinal do amor de Deus. Podemos vê-Lo nas colinas eternas, nas árvores altaneiras, no botão que se entreabre, e nas delicadas flores. Tudo nos fala de Deus. O sábado, apontando sempre para Aquele que tudo fez, ordena aos homens abrirem o grande livro da natureza, e rastrear ali a sabedoria, o poder e o amor do Criador.”

“Os que ocupam na igreja cargos de liderança não devem esgotar durante a semana a força física e mental, de modo a lhes não ser possível, no sábado, levar para a igreja a influência vivificante do evangelho de Cristo. Limitai o trabalho físico de cada dia, mas não defraudeis a Deus, rendendo-Lhe, no sábado, um culto que não pode aceitar.”

“Ao estabelecerem novas igrejas, devem os pastores dar instruções cabais quanto à maneira correta de observar o sábado. Devemos acautelar-nos de que os costumes frouxos que prevalecem entre os observadores do domingo não sejam adotados pelos que professam observar o dia de repouso de Deus.”

“A pregação nas reuniões de sábado em geral deve ser breve, dando-se oportunidade aos que amam a Deus, para exprimir gratidão e tributar-Lhe culto individual.”

ou formas que podiam ser empregados a fim de tornar no sábado um dia especial.

Mais tarde, a história dos israelitas foi marcada por uma cadência cíclica. Quando eles viviam momentos de prosperidade, eram possuídos por sentimentos de superioridade, criam que eles mesmos eram os artífices do seu êxito, começavam a se envolver com os povos vizinhos e paulatinamente iam caindo em apostasia e idolatria, até que esgotavam a paciência de Deus. Com pesar, o Senhor permitia que alguma nação que vivia à sua volta os dominasse. Estando na escravidão e sob domínio estrangeiro, o povo de Deus clamava a Ele que o atendia mais uma vez, escolhendo um líder fiel e que por Seu poder realizava milagres extraordinários. Obtinham, então, novamente, a liberdade até que, anos mais tarde, reiniciassem o ciclo.

Dessa sucessão de fatos, o povo de Deus aprendeu que a prosperidade e a paz deviam estar inseparavelmente acompanhadas pela fidelidade. Então, os israelitas criaram centenas de leis que prescreviam “como” o sábado devia ser guardado, a fim de não serem achados infieis. Desse modo, o que era um “meio” para tornar esse um dia especial, em muitos casos, chegou a ser um “fim”. Foi então que surgiu o frio legalismo que reinou inclusive no período em que Jesus viveu entre os homens.

Testemunho bíblico

As Escrituras Sagradas são muito claras em promover o objetivo ori-

ginal de Deus para o sábado. Seus escritores deixam claros exemplos de defesa do verdadeiro sentido desse dia. Isaías é um deles: “Se desviares o teu pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da Terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do Senhor o disse” (Is 58:13, 14).

Embora, como pastores, estejamos envolvidos em muitas atividades durante o sábado, não devemos nos esquecer de que também somos incluídos entre os adoradores do Deus criador dos céus e da Terra. Assim sendo, as muitas atividades não nos isentam do contato pessoal com a Bíblia. Esse é o meio ideal para aumentar nossa fé. O apóstolo Paulo escreveu: “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10:17). Esse contato com as Escrituras também é um poderoso recurso para nos possibilitar um conhecimento cada vez mais profundo de Cristo: “Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim” (Jo 5:39). E também é indispensável para transformar a

vida: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17).

É nosso privilégio experimentar esse encontro com Deus através de Sua Palavra; aproximar-nos com atitude de filhos que conversam com seus pais, expondo seus temores, preocupações, lutas e ansiedades, e recebem conselhos. Aquela entrevista que acontecia face a face entre o Criador e Suas criaturas humanas, lá no Éden, tornou-se impossível por causa da barreira que foi erguida pelo pecado. Todavia, entre outros meios, ela hoje é possibilitada através de Sua Palavra. Esta é a relação do sábado com a Bíblia: juntos, eles nos dão a chance de experimentar a comunhão que Deus planejou ter com Seus filhos.

Quando a barreira do pecado for definitivamente eliminada, quando se fechar o parêntese do pecado, já não mais necessitaremos da Bíblia. Veremos a Deus face a face, e o sábado será eterno, pois estaremos contemplando, refletindo, agradecidos, cheios de amor e reverência diante do nosso Criador, pelos séculos da eternidade. ▀

“Não devíeis ser como homens destituídos de vida espiritual. Os crentes necessitam do vosso auxílio no sábado. Dai-lhes o alimento da Palavra de Deus. Oferecei a Deus, nesse dia, vossas melhores oferendas. Ofertai-Lhe, no Seu santo dia, a vida preciosa em serviço consagrado.”

“Todo o Céu celebra o sábado, mas não de maneira ociosa e negligente. Nesse dia, todas as energias do ser devem estar despertas; pois não temos que nos encontrar com Deus e com Cristo, nosso Salvador? Podemos contemplá-Lo pela fé. Ele está desejoso de refrigerar e abençoar cada um de nós.”

“O sábado não deve ser passado em ociosidade, mas tanto em casa como na igreja, cumpre-nos manifestar espírito de adoração. Aquele que nos deu seis dias para nossas ocupações materiais, abençoou e santificou o sétimo dia e o separou para si. Nesse dia, Deus Se propõe a abençoar de maneira especial todos os que se consagram a Seu culto.”

“Cada qual deve sentir que tem uma parte para desempenhar, a fim de tornar interessantes as reuniões de sábado. Não devemos reunir-nos simplesmente para preencher uma formalidade, e sim para trocar ideias, relatar nossa experiência diária, oferecer ações de graça e exprimir nosso sincero desejo de ser iluminados para conhecer a Deus e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou.”

“As necessidades da humanidade sofredora não devem jamais ser negligenciadas. Por Seu exemplo o Salvador nos mostrou que é correto aliviar os sofrimentos no sábado.”



Direto da fonte

O que aconteceria se nos víssemos como vasilhas vazias, indo à fonte e removendo qualquer obstáculo que nos impedisse o acesso à Água da Vida?

Frequentemente, os pastores se encontram tão ocupados e envolvidos no trabalho de conservar suas igrejas em funcionamento, que raramente têm ou reservam tempo para alimentar a comunhão com o Senhor da igreja. Empregar tempo contemplando o Divino, quando coisas tangíveis e mensuráveis necessitam ser feitas e devem ser feitas, parece uma atitude imprópria ou anacrônica. À luz das atividades pastorais, alguns veem a contemplação de Deus



como uma extravagância que pode ser postergada para uma ocasião mais conveniente.

Desde a antiguidade até nossos dias, homens e mulheres de profunda e significativa experiência espiritual sempre foram aqueles que deram máxima prioridade ao ato de encontrar lugar para Deus em sua vida.¹ Desde Abraão, Isaque e Jacó a Madame Guyon, George Muller, David Brainerd e Ellen G. White, esses homens e mulheres mantiveram invejável e alcançável comunhão com o Divino. Mas, como pode um pastor no século 21, sobrecarregado com múltiplas responsabilidades, separar tempo para desenvolver espiritualidade consistente, funcional e vital? Em outras palavras, como podem os pastores ser contemplativos?

Considere a seguinte questão: O pastor tem sob sua responsabilidade várias tarefas como, por exemplo, supervisão dos vários departamentos, reuniões da comissão da igreja, comissão da escola, estudos bíblicos, reuniões de oração, evangelismo, aconselhamento, preparo de sermões, cultos de adoração. Além dessas, estão as atividades da família, que envolvem tempo diário para interação, reuniões de pais e mestres, desbravadores, eventos infantis como recitais de piano das crianças e outras atividades. Diante disso, a grande questão é: Quando o pastor terá tempo para desenvolver uma espiritualidade que transcenda a experiência cristã apenas nominal frequentemente encontrada em suas congregações?

Alguém poderia pensar que o sábado proporcione a oportunidade esperada para que o pastor diminua a marcha e beba na presença de Deus, como um emaciado camelo que tem caminhado ao longo do deserto e finalmente encontra um oásis. Entretanto, sempre que chega à igreja, cedo ou tarde, quase imediatamente alguma bem-intencionada pessoa aparece para colocar mais um fardo sobre o notório dorso do “camelo”. E isso parece apenas um presságio do que ainda virá dos

fatigados santos que não tiveram a bem-aventurança de falar com o pastor durante a semana.

Se os pastores não envidarem esforços determinados e intencionais para nutrir sua espiritualidade, cedo ou tarde descobrirão que o vazio de sua vida será espelhado na experiência da congregação. Como resultado, deixarão de sentir a paixão pelo ministério, e estarão muito menos equipados para desenvolvê-lo de modo efetivo.

Um dos sinais indicadores dessa indesejável postura é a insaciabilidade – falta de real felicidade – exemplificada pelas tentativas de obter prazer através de emoções extremas ou artificializadas. Isso pode incluir práticas questionáveis de culto, adição de dispositivos eletrônicos, ou até complacência com pecados considerados pequenos na vida, que eles imaginam ser irrelevantes.²

Balde vazio e alma sedenta

Uma pressuposição bem conhecida de todos é que ninguém pode tirar coisa alguma de uma vasilha vazia. Semelhante ao que aconteceu com os camelos do servo de Abraão (Gn 24:46), nossos irmãos se abaixam junto ao poço e esperam o momento de beber para saciar a sede. Acaso, nos atreveremos a lhes oferecer um balde vazio, ou mesmo nos aproximarmos da fonte sem ele? O que aconteceria se nos vissemos como vasilhas vazias indo diariamente à fonte abundante e removendo qualquer obstáculo que nos impedisse o acesso à refrescante Água da Vida? De acordo com o evangelho de João, Cristo nos dá uma ideia clara quanto aos resultados de tal atitude: “Aquele, porém, que beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que Eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4:14).

Sempre que reservamos tempo para ir à Fonte, algumas coisas maravilhosas acontecem. Foi junto a uma fonte que Eliezer teve sua oração respondida. Foi junto a uma fonte que Jacó descobriu o amor de sua vida. Junto à fonte, Moisés conseguiu para

si uma ajudadora que o acompanhou no ministério. Foi na fonte de Jacó que a mulher samaritana, que antes havia tido cinco maridos, finalmente encontrou o Homem que não apenas saciou sua sede, mas fez dela “uma fonte a jorrar para a vida eterna”.

Quando transformarmos em hábito a prática de ir à Fonte como um balde vazio que logo se torna cheio, também estaremos satisfeitos com os resultados. E, fazendo assim, nosso ministério crescerá cada vez mais. Porém, a inescapável questão continua luzindo diante de nós: Como posso encontrar tempo a fim de ir à fonte de modo que possa desenvolver uma espiritualidade efetiva, consistente, vital?

Eliezer, Jacó, Moisés e a mulher samaritana foram à fonte em meio às suas atividades diárias. Semelhantemente, descobri que também posso ir diariamente à fonte da comunhão com Deus e encontrar força, consistência e vitalidade espiritual, mesmo nas horas em que realizo minhas atividades corriqueiras.

Buscando um ritmo espiritual

Em qualquer tempo, nossa vida espiritual está sendo formada ou deformada. Por causa de nossa natureza pecaminosa, naturalmente nos precipitamos para a degeneração. Consequentemente, é essencial que os pastores tenham um plano de ação para sua própria nutrição espiritual, a fim de que progridam em direção à plenitude da semelhança com Cristo. Benedito de Nursia deu a esse plano o nome de “regra”.³ Essa regra permite um ritmo espiritual que assiste toda pessoa que busca estar na presença de Deus, através de várias práticas espirituais. Por exemplo, a prática da *solidão* permite um equilíbrio de *companheirismo* e proporciona mais tempo disponível para meditação e oração.

Tal regra também possibilita ao indivíduo a chance de ser intencional e perseverante durante os dias, semanas, meses e anos. Uma regra cuidadosamente orquestrada ainda

permite a incorporação de várias disciplinas espirituais na vida diária ou rotina de toda pessoa que esteja empenhada em manter comunhão com o Senhor.

Dallas Willard, em seu livro *Spirit of the Disciplines* [Espírito da Disciplina], afirma: “Por meio de fé e graça, podemos nos tornar semelhantes a Cristo, praticando os modelos de atividades nas quais Ele esteve engajado, organizando toda a nossa vida ao redor das atividades que Ele praticou a fim de permanecer ininterruptamente na companhia de Seu Pai”.⁴

As palavras-chaves nessa irrefutável declaração de Willard são: “organizando toda a nossa vida”. O principal objetivo de termos uma regra espiritual é que sejamos assistidos na organização de nossa vida, encontrando espaço para que o Espírito Santo opere criativamente em nós, colocando-nos no caminho trilhado por Ele. Podemos aprender esse caminho, ao observarmos as disciplinas que Jesus Cristo praticou e ensinou nos Evangelhos.

Henry David Thoreau escreveu: “Fui às florestas porque desejei viver deliberadamente... Desejei viver profundamente”.⁵ Nas florestas, ele foi habilitado a focalizar sua atenção nas coisas diante dele, sem restrição de tempo nem outras considerações. Normalmente, aos pastores não é permitido o luxo de dois anos sabáticos. Mas, ainda assim podemos viver deliberada e profundamente, tendo como objetivo não permitir que sejamos capturados pela corrente onda de sobrecarga, pressa e preocupação. Creio que essa trindade foi inventada no laboratório do demônio. Cada um desses elementos costuma destruir nossa devoção, nossas energias e, com isso, agravar “o Santo de Israel” (Sl 78:41).

Para se desembaraçar dessa teia insidiosa, primeiramente, substitua as várias tarefas consideradas urgentes pelo que realmente é importante. Isso abre caminho para o começo da meditação que leva à conquista de tempo dedicado a Deus. De acordo

com Kees Waaijman, “contemplação é o ato de entrar em um espaço no qual, em completa atenção, se possa observar os movimentos do Divino”.⁶ Consequentemente, é estar plenamente envolvido e devotado a qualquer atividade (ou lazer) que se faça. É realizá-la com coração não dividido e orar como o salmista: “Ensina-me, Senhor, o Teu caminho, e andarei na Tua verdade; dispõe-me o coração para só temer o Teu nome” (Sl 86:11). Tudo o que fizermos deve ser feito com a devoção de toda a nossa atenção. Como resultado, creio que veremos Deus se movendo em todos os nossos afazeres, de maneiras que nunca havíamos notado.

“Consagrem-se a Deus pela manhã; façam disso sua primeira tarefa”

Em segundo lugar, trabalhe para eliminar a ansiedade “diminuindo a velocidade” em sua vida. No supermercado ou na mercearia, permita que alguém passe à sua frente na fila. Recuse competir com o relógio. Dirija devagar, fale devagar, ande devagar, e você ficará surpreso ao descobrir como isso o ajudará a ser cada vez mais paciente bem como no cultivo de um estilo de vida contemplativo.

Em terceiro lugar, a ocupação excessiva se torna um flagelo para a vida espiritual interior. “Certa vez, Thomas Merton disse que o maior problema espiritual de nosso tempo consiste em eficiência, trabalho, pragmatismo; gastamos tanto tempo envolvidos pela correria, que sobram pouco tempo e disposição para qualquer outra coisa.”⁷ Ele estava correto. No esforço para nos conservarmos em dia com todas as nossas responsabilidades pessoais, família, trabalho, acontecimentos mundiais, educação contínua e tantas outras coisas, empurramos Deus para a periferia. É assim que nossa vida espiritual se torna superficial.

O preparo de sermões passa a ser nosso estudo da Bíblia. A oração em público e com outras pessoas toma o lugar da oração pessoal.

Ficamos tão ocupados e preocupados em fazer a obra do Senhor que acabamos não tendo tempo para o Senhor da obra. “Devemos estar dispostos a nos permitir ser interrompidos por Deus”, disse Dietrich Bonhoeffer. “Deus estará cruzando constantemente nossos caminhos e cancelando nossos planos de ser enviados a pessoas com clamores e pedidos... não devemos assumir que somos gerenciados e dirigidos pelos compromissos, mas permitir que tudo seja organizado e arranjado por Deus.”⁸

Contemplação como praxis

Viver contemplativamente é antitético à cultura ocidental contemporânea. Aqueles que têm se tornado contemplativos fazem isso por decisão intencional. Decisões difíceis devem ser tomadas para não abraçarmos as normas prevalentes que tendem a inundar nossa vida. Decisões assim mudam radicalmente os paradigmas, com um esforço contracultural que produz benefícios eternos. É radical porque flui contra o critério convencional.

Viver contemplativamente significa confiar em Deus para todas as coisas e em todos os momentos, ignorando a tirania do urgente, vivendo em sintonia com a natureza, notando o imperceptível, observando e ouvindo com olhos compassivos e apreciativos.

Podemos chamar isso de jornada, equivalente a uma viagem através do país com planos de parar em tantos lugares históricos quanto possíveis e, ocasionalmente, sair da rota para desfrutar alguma atração turística ou monumento. O compromisso da pessoa contemplativa é planejado com a ideia de que Deus pode querer interromper ou alterar alguma coisa. Embora bem planejado em todos os detalhes, o compromisso deve permitir alguma flexibilidade.

O contemplativo não se opõe a intromissões. Ele as vê como desafios e oportunidades; ocasiões que a vida oferece, das quais alguém pode captar um vislumbre do Divino. Esses momentos são aceitos e, como fazemos com um cofrinho de poupança, são virados e sacudidos na esperança de que deixem cair alguma coisa valiosa. Ellen White nos encoraja com as seguintes palavras:

“Consagrem-se a Deus pela manhã; façam disto sua primeira tarefa. Seja sua oração: ‘Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Essa é uma questão diária. Cada manhã consagrem-se a Deus para esse dia. Submetam-Lhe todos os seus planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indique a Sua providência. Assim dia a dia vocês poderão entregar às mãos de Deus a sua vida, e assim ela se moldará mais e mais segundo a vida de Cristo.”⁹

Sugestões

Comece pela noite, porque uma boa noite de sono representa um bom dia. Procure ir para a cama o mais cedo possível. Operar ou brincar com aparelhos eletrônicos até tarde da noite pode ser empecilho ao tempo dedicado à família e à vida devocional. Estabeleça um tempo definido em que todos os eletrônicos estejam desligados; preferencialmente, algumas horas antes do horário de dormir. Antes de ir para a cama, leia um salmo e tome alguns momentos para reflexão, confrontando-se com algumas perguntas: “Quando eu melhor representei a Cristo hoje? Quando e onde menos O representei? Como tratei minha família hoje? Fui negligente? Há algum pecadinho ou hábito pernicioso que ainda continuo a praticar?”

Seja ao mesmo tempo franco e compassivo consigo mesmo, ao fazer essa avaliação. Abra o coração a Deus

durante esse processo, pois o reconhecimento das próprias fraquezas pode ser altamente catártico.

Dedique tempo à devoção pessoal, no início do dia. Além da leitura da Bíblia, outros livros devocionais também podem ser excelente escolha. Pelo menos meia hora cada manhã investida em comunhão ininterrupta é um período muito satisfatório. Gaste os primeiros três ou cinco minutos desse tempo ficando em silêncio, quietude mental e física, assentando-se diante do Senhor.

Planeje novo encontro com Deus por alguns minutos no meio do dia. Se for necessário, tenha sempre alguma coisa que sirva para lembrá-lo desse compromisso. Tenho o costume de ter sempre comigo cinco pedrinhas polidas e coloridas, para me lembrar de orar. Quando oro, tiro uma pedra do bolso direito e mantenho-a nas mãos até terminar a oração. Então, coloco-a no bolso esquerdo.

Durante todo o dia procure oportunidades para demonstrar o amor de Jesus. Faça seus compromissos de modo que haja alguma pausa entre eles. Planeje ouvir mais que falar. Estacione o carro longe do lugar aonde você vai para que possa andar um pouquinho mais. Ore a Deus enquanto faz o trajeto até seu destino. Cuide-se, alimentando-se adequadamente, bebendo água. Planeje uma ou duas noites para estudo das Escrituras e dos livros de Ellen G. White.

Quando estiver com a família, dedique atenção completa a cada evento ou experiência em comum. Dando-se inteiramente à família, você começará a ver, ouvir e experimentar a presença de Deus mais vigorosamente na voz, no toque, sorriso e brincadeiras dos seus queridos. Frequentemente, Deus Se move em meio a coisas comuns; seguramente, Ele também está presente no círculo familiar instituído por Ele mesmo. Ao lado disso, estabeleça tempo regular para adorar em família: um ou dois cânticos, uma leitura espiritual, momentos de testemunhos e oração.

A fim de que tenha mais tempo livre para desenvolver esse processo de renovação pessoal, cultive a arte de delegar. Confie a outros a tarefa de fazer o que você imaginava ter que ser feito apenas por você. Livre-se de qualquer complexo messiânico que você possa alimentar. Veja seu papel no contexto geral como o de alguém que deve orar pelas pessoas, de modo que a graça de Deus opere na vida de cada uma à medida que Cristo é continuamente glorificado. Ao mesmo tempo, procure estar ciente da presença de Cristo em cada pessoa com quem entrar em contato.

Finalmente, busque a face de Deus como sua companhia. “Ao meu coração me ocorre: Buscai a Minha presença; buscarei, pois, Senhor, a Tua presença” (Sl 27:8). Vá à Fonte e beba da Água da Vida cada dia, de modo que você possa viver deliberadamente com seu Deus. Desenvolva um estilo de vida contemplativo com tempo reservado para meditação, desenvolvendo confiança em Deus e, como resultado, viver em sintonia com Ele. Enquanto você organiza sua vida para incluir espaço para Ele, crescerá sua paixão por um ministério efetivo, resultando na semelhança com Cristo em sua vida, seus familiares e os membros de sua igreja. ❧

Referências:

- ¹ James Gilchrist Lawson, *Deeper Experiences of Famous Christians* (Nova Iorque: Pyramid Books, 1911).
- ² Archibald D. Hart, *Thrilled to Death: How the Endless Pursuit of Pleasure Is Leaving Us Numb* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2007), v. 11, p. 13.
- ³ Timothy Fry, Timothy Horner e Imogene Baker, eds., *RB 1980: The Rule of St. Benedict* (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1981).
- ⁴ Dallas Willard, *Spirit of the Disciplines: Understanding How God Changes Lives* (San Francisco: Harper & Row, 1988), p. 9.
- ⁵ Henry David Thoreau, *Walden: Or Life in the Woods* (Nova Iorque: New American Library, 1960), p. 72.
- ⁶ Kees Waajiman, *Spirituality: Forms, Foundations, Methods* (Paris: Peeters, 2002), p. 343.
- ⁷ Citado in Ronald Tolheiser, *The Holy Longing: The Search for a Christian Spirituality* (Nova Iorque: Doubleday, 1999), p. 32.
- ⁸ Dietrich Bonhoeffer, *Life Together* (Nova Iorque: Harper & Row, 1954), p. 99.
- ⁹ Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 70.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Segundo a agenda divina

Fomos chamados para ser líderes espirituais. Isso significa algo mais do que simplesmente atender a necessidades emergenciais da igreja

Em seu livro *Spiritual Leadership* [Liderança Espiritual], Henry e Richard Blackaby falam de dois tipos de liderança eclesial. O primeiro tipo é impulsionado à tarefa. Esse tipo de líder luta “para vencer imediatamente os obstáculos à sua frente... Não refletem sobre o por quê de fazerem o que estão fazendo... Valorizam a ação sobre a reflexão – ou mais precisamente, reação sobre reflexão”.¹ O segundo tipo é o proativo. Esse líder investe tempo

e energia no pensamento reflexivo, que resulta em comportamento proativo cujos efeitos levam ao crescimento.

Tendo dito isso, os autores nos desafiam a considerar as diferenças fundamentais que separam um líder reativo, comprometido a reagir aos acontecimentos do ministério, e o líder proativo, que intelligen-



temente projeta um curso baseado em uma visão do que necessita acontecer em seu ministério.

Antes e acima de tudo, a liderança espiritual resulta do impacto causado pelo Espírito Santo na vida do crente. Os Blackabys estabelecem que “a liderança espiritual está movendo as pessoas na agenda de Deus”, sob a direta influência do Espírito Santo.² O Espírito cumpre esse propósito através da capacitação intencional de todo membro do corpo, com uma competência ou mistura de competências, permitindo a cada um contribuir para a missão da igreja.

O mesmo Espírito é responsável pela transformação do caráter desses indivíduos de maneira coerente com o caráter de Cristo. Esse caráter cristão assegura a saúde relacional da comunidade que Ele chamou para Seu serviço. George Barna sugere que essa combinação de caráter e competência³ (dons espirituais e o fruto do Espírito) serve como fundamento sobre o qual a liderança é construída.

Toda pessoa dotada e transformada pelo Espírito deve contribuir para a totalidade do processo de liderança espiritual que cumpre a vontade do Mestre através de Sua igreja. Cada um deve reconhecer que os feitos

proativos do ministério abrangem o trabalho de cada membro do corpo. Líderes formais, como pastores, administradores e líderes voluntários da igreja local são chamados para o trabalho de coordenar e desenvolver as competências dos membros. Adicionalmente, seu chamado inclui encorajamento da formação espiritual do caráter daqueles que são envolvidos no processo de cumprir os ideais e desafios da grande comissão.

Diferenças entre estilos

Uma história relatada no livro de Esdras ilustra a diferença entre os dois mencionados estilos de liderança. Esdras tinha reunido aproximadamente 1.500 homens nas proximidades do rio Aava, em Babilônia, em preparação para o retorno a Jerusalém e o restabelecimento da economia do templo sagrado. Tudo estava pronto: carroças carregadas com vasos e pergaminhos, mantimentos providenciados, e o recente decreto de Artaxerxes, garantindo-lhes generoso acesso aos recursos do Império.

“A satisfação das necessidades de cada crente ou da dinâmica da igreja é tarefa de todos, não apenas do pastor”

Enquanto esses pioneiros preparavam a volta à terra de seus pais, Esdras os chamou em assembleia por famílias e conferiu seus números e nomes. Ao terminar essa revista, Esdras descobriu que sua prontidão estava comprometida pela ausência dos representantes da tribo de Levi (Ed 8:15-20).

Os levitas estavam ausentes desse tão esperado momento profético, marco da libertação do povo de Deus do exílio e da miraculosa restauração do reino sagrado. Os componentes dessa tribo escolhida, cujos ancestrais tinham sido separados para o ministério por causa de sua prontidão em cruzar a fronteira com Moisés, não se encontravam em nenhum lugar perto da fronteira no Aava. Eles eram importantes ao restabelecimento dos serviços do templo, associados com o reino.

Felizmente, Esdras sabia para onde se dirigir – ao seminário levítico supervisionado por Ido, em Casifia.⁴ Ali, os mensageiros de Esdras foram capazes de reunir (alguns comentaristas sugerem “pressionar”) um número de levitas, homens de entendimento, que honradamente respon-

deram ao chamado para as atividades de retorno a Israel. Eles deixaram Casifia e se reuniram imediatamente aos exilados a caminho.

Apenas podemos imaginar a razão pela qual eles não estavam presentes quando a revista foi feita no rio Aava. Na verdade, parece curioso que tão significativo evento pudesse ocorrer sem que pelo menos um ou dois levitas fossem compelidos a participar no processo que dependia de sua presença. Quando foram chamados, eles responderam, num claro exemplo de ministério reativo. Estavam acessíveis, disponíveis e assumiram sua responsabilidade. Mas não foram proativos! Perderam esse irrecuperável momento na História, em que poderiam ter demonstrado liderança espiritual. Em lugar da voz sacerdotal de Esdras, era a voz dos filhos de Levi

que poderia e deveria ser ouvida chamando o povo à margem do rio. Agora, permanecem para sempre como registro do serviço reativo.

Chamados à liderança espiritual

Aqueles que entre nós fomos convocados ao ministério evangélico integral fomos chamados ou vocacionados para exercer liderança espiritual. Recebemos o título de “pastor”, que normalmente sugere uma serena expectativa de nutrição do rebanho. Na realidade, pastores agraciados com diversos dons espirituais combinados – combinação que pode incluir ou não o dom de *pastorear* no sentido mais profundo – são chamados para liderar o povo de Deus. Expectativas comuns podem nos permitir consumir toda a carreira em cuidado e serviço reativo à igreja, mas isso não nos qualifica como líderes, se falharmos em guiar os membros do corpo de Cristo em zelosa e proativamente considerar o alto chamado de Deus para cada um deles.

Nas últimas décadas, temos observado uma emergente ênfase no papel do pastor como treinador da igreja. Durante a maior parte desse

tempo, trabalhei como secretário ministerial e vi jovens ingressar no ministério com verdadeira paixão por esse chamado proativo, apenas para encontrar uma comunidade cristã esperando um pastor disponível para satisfazer fielmente às suas necessidades. Frequentemente, pouca ou nenhuma expectativa existe por liderança proativa que efetivamente transforme a igreja. Esse paradoxo é marcado por uma luta desigual entre as necessidades do corpo de Cristo e a intenção do pastor. O elevado propósito quase sempre sucumbe aos requerimentos da igreja.

Citando Parker Palmer, Russ Moxley comenta sobre esse tema: “Quando eu apenas cumprio uma obrigação, posso ser achado fazendo algum trabalho eticamente louvável, mas que não é meu. Uma vocação que não é minha, não importa quão valiosa seja externamente, violenta meu eu. Quando eu me violento, invariavelmente violento as pessoas com quem trabalho.”⁵

Quando o elevado chamado de Deus em Jesus Cristo sofre o abalo de cair na rotina de focalizar a realização de tarefas com base na necessidade, todo crente experimenta alguma perda. E essa perda se torna ainda mais trágica no caso do pastor cujo intento é promover mudanças fundamentadas nos paradigmas bíblicos. O chamado de um pastor consiste em convocação para equipar, inspirar e incentivar os membros da igreja a desenvolver ministérios a eles designados conforme os respectivos dons espirituais. Não devemos comprometer o futuro de nossa igreja com a tradição de aceitar o ministério reativo, quando sabemos que Deus nos chama a uma plataforma superior de liderança espiritual.

Os pastores se encontram em uma posição nada invejável de ser empurrados numa direção, por seu chamado e treinamento profissional, e em outra, por causa das tradicionais expectativas da congregação. Algumas vezes, esse estressante conflito é intensificado pelo reforço das expectativas dos líderes da igreja a quem eles

mesmos treinaram e alimentaram espiritualmente para cumprir tarefas. Se é verdadeira a declaração de Palmer sobre esse comportamento, então nós prejudicamos nosso pastorado e, com isso, também violentamos o povo de Deus o qual fomos chamados a liderar. Esse dilema nos lembra o pronunciamento de Jetro, segundo o qual Moisés desfaleceria juntamente com o povo, caso insistisse nesse tipo solitário de liderança (Êx 18:18).

Mudando paradigma

O que podemos fazer para direcionar nosso chamado à liderança espiritual? Assim como acontece com todo líder que procura crescer, devemos começar fazendo uma avaliação pessoal, tendo como base estes critérios:

- ◆ Está meu conceito de liderança espiritual fundamentado numa sólida teologia bíblica?

- ◆ Estou comprometido com o sagrado chamado que vai além de simplesmente satisfazer necessidades emergencialmente expressas?

- ◆ Tenho uma visão do ministério como sendo uma plataforma para liderança espiritual?

- ◆ Vejo-me como responsável por identificar a vontade de Deus e efetuar mudanças de paradigmas que já não funcionam?

- ◆ Sinto-me chamado para ajudar a igreja a experimentar as transformações necessárias ao cumprimento efetivo de sua missão?

- ◆ Acaso, meu conceito de liderança limita-se à posição ocupada por um indivíduo como, por exemplo, líderes denominacionais, pastores e oficiais eleitos? Ou minha visão vai além, contemplando todo membro da igreja transformado e capacitado pelo Espírito Santo como líder através de quem Deus espera nutrir e desenvolver uma contribuição proativa em benefício da igreja?

Devemos avaliar nosso modelo profissional. Uma análise de nosso calendário de atividades revelará se estamos reagindo emergencialmente

“O chamado pastoral é uma convocação para equipar, inspirar e incentivar os membros da igreja”

aos desafios do ministério, ou se estamos proativamente engajados em reflexão e planejamento segundo a agenda de Deus, em lugar das exigências ocasionais. Necessitamos ajudar a igreja a compreender que a satisfação das necessidades diárias de cada crente ou da dinâmica da própria igreja é uma tarefa de todos, não apenas do pastor.

O pastor proativo é um líder espiritual chamado para treinar e equipar os membros da igreja para o exercício de efetivo e competente ministério que satisfaça as complexas necessidades da congregação local. Serão necessários tempo e paciência para que a igreja mude do modelo de ministério centralizado no pastor, marcado pela reação profissional às necessidades, para um modelo de liderança espiritual proativa. Requer-se amorosa persistência e absoluta confiança nos dons do Espírito para reeducar a congregação e desenvolver pessoas para que também se tornem líderes espirituais em suas igrejas.

Finalmente, é preciso coragem dada por Deus, forjada em oração, além de tenaz comprometimento com o chamado feito por Deus no sentido de exercer liderança espiritual proativa e, ao mesmo tempo, implantar e nutrir as qualidades dessa liderança em cada crente. ■

Referências:

¹ Henry e Richard Blacaby, *Spiritual Leadership: Moving People on to God's Agenda* (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2001), p. 58.

² *Ibid.*, p. 20.

³ George Barna, *Leaders on Leadership* (Ventura, CA: Regal Books, 1997), p. 25.

⁴ Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible, New Modern Edition* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1994), v. 8, p. 17.

⁵ Russ Moxley, *Leadership and Spirit: Breathing New Vitality and Energy Into Individuals and Organizations* (San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999), p. 163.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Adventista del Plata, Argentina

A missão no lugar certo

Qualquer método missionário que não estiver centralizado na teologia é mera antropologia

O termo “missões” foi usado inicialmente pelos jesuítas, no século 16. Desde então, tem sido usado em referência a movimentos missionários. No Ocidente, muitas missões serviam para evangelizar e “aculturar” a partir de uma pretensa cultura superior. Alguns, com certa soberba, criam que quando o missionário pisava no campo missionário, “Deus chegava àquele território”. Na década de 50, o cristianismo despertou a ideia de “*missio Dei*” e, com ela, a utilização no singular da palavra “missão”.¹

Isso significou a mudança de paradigma; a missão passou a ser entendida como sendo de Deus com a colaboração do homem. O primeiro expoente desse conceito foi Karl Barth. “A igreja existe porque existe a missão, e não o contrário”.² A missão nasce no coração de Deus, e existe “porque Deus ama as pessoas”. O reconhecimento dessa realidade

foi uma descoberta assombrosa, em relação aos séculos anteriores, e libertou a igreja de uma ideia estreita da missão. “A missão é primeira e finalmente obra do Deus triúno... um ministério no qual a igreja tem o privilégio de participar.”³

A missão não deve estar à frente de Deus. Ele é quem vai à frente dela. Antes da antropologia, metodologia e tecnologia, está a teologia. Qualquer método de missão que não estiver centralizado na teologia é mera antropologia.

No Gênesis

O Antigo Testamento apresenta a expressão “*El Shadday*” 48 vezes. Em Gênesis, aparece seis vezes, identificando Deus no trato com Abraão, Isaque e Jacó. No livro de Jó, aparece 31 vezes. No livro do Êxodo, a expressão é vista apenas uma vez, também referindo-se a Deus no trato com Abraão, Isaque e Jacó. Em Nú-

meros, aparece duas vezes, ligada a Balaão (Nm 24:4, 16). Moisés menciona a expressão *El Shadday* 33 vezes em relação a pessoas fora do povo de Deus; e sete vezes relacionando-a com Abraão, Isaque e Jacó, no sentido de ser uma bênção para todas as etnias da Terra (Gn 17:1; 28:3; 35:9-11; 43:14; 48:3, 4; 49:25; Êx 6:3).

No contexto da missão no Antigo Testamento, *El Shadday* é quem envia e promete que “serão abençoadas” todas as famílias e nações da Terra.

A ordem de crescer e multiplicar (Gn 1:28; 9:1) chegou a ser uma fórmula usual de bênção, presente em toda a Bíblia.⁴ Nas seis vezes em que *El Shadday* aparece em Gênesis (Gn 17:1-6; 28:3; 35:9-11; 43:14; 48:3, 4; 49:25), está relacionada com “bênção” e “crescer e multiplicar”. Deviam crescer as aves e os peixes (Gn 1:22); Adão e Eva (Gn 1:28); Noé e sua família (Gn 9:1, 7); Abraão, Isaque, Jacó e sua descendência (Gn

17:1-6, 16; 35:9-11; 48:3, 4), assim como Israel no Egito (Êx 1:7).

Com base nesses textos e suas relações, é possível analisar três aspectos da missão: 1) O Onipotente conduz a missão de abençoar, fazer crescer e multiplicar todas as etnias. 2) Seres humanos comuns partilham as bênçãos do Messias. 3) O destino da bênção é todas as etnias da Terra. Neste artigo, analisaremos apenas o primeiro aspecto.

A direção divina

Deus abençoou os israelitas no Egito, de modo que “foram fecundos, e aumentaram muito, e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, de maneira que encheram a Terra” (Êx 1:7). O inimigo tentou destruí-los, “mas, quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam e tanto mais se espalhavam” (Êx 1:12). Quando o povo se queixou por causa da opressão, Moisés se dirigiu a Deus, dizendo: “e Tu, de nenhuma sorte, livraste o Teu povo” (Êx 5:23). Deus, então, lembrou que a missão no Egito seguia o modelo da que tinha sido dada a Abraão, Isaque e Jacó, sob Sua direção: “Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como Deus Todo-poderoso [*El-Shadday*]” (Êx 6:3).

Também diz que Ele Se lembrou da aliança (Êx 6:4, 5), que ouviu os gemidos de Seu povo, e que tudo estava sob Seu controle. E lhe ordenou dizer ao povo: “Eu sou o Senhor, e vos tirei de debaixo das cargas do Egito, e vos livrarei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes manifestações de julgamento. Tomar-vos-ei por Meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Êxito. E vos levarei à terra a qual jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei como possessão. Eu sou o Senhor” (Êx 6:6-8).

Com efeito, “partiram... de Ramessés no décimo-quinto dia do primeiro mês ... os filhos de Israel, corajosamente, aos olhos de todos

os egípcios” (Nm 33:3). *El-Shadday* dirigia a missão. Tirou-os do Egito, para ser seu Deus (Lv 26:45). “O que fiz, porém, foi por amor do Meu nome, para que não fosse profanado diante das nações no meio das quais eles estavam” (Ez 20:9). “As nações [sempre] foram testemunhas reais. Os atos salvadores de Jeová, o castigo e a restauração de Israel foram ao mesmo tempo uma pregação para as nações.”⁵ Somente Deus pode fazer a igreja crescer; mas a igreja deve testemunhar. “A missão de Deus envolve o Seu povo vivendo à maneira de Deus, à vista das nações.”⁶

Desvio de rota

Durante aproximadamente dez anos, Abraão e Sara permaneceram em Canaã, cumprindo a missão de erguer altares, mas a descendência continuadora da missão não surgia. Os registros mesopotâmicos aludem a costumes vigentes, segundo os quais casais ricos deixavam sua herança a um dos seus criados de confiança. Abraão questionou que seu herdeiro tivesse que ser Eliezer, e Deus lhe respondeu: “Não será esse o teu herdeiro; mas aquele que será gerado de ti será o teu herdeiro” (Gn 15:4). Porém, aparentemente, Sara percebeu um plano divino sem ela: “Eis que o Senhor me tem impedido de dar à luz filhos; toma, pois, a minha serva, e assim me edificarei com filhos por meio dela. E Abraão anuiu ao conselho de Sara” (Gn 16:2).

Sara atribuiu sua esterilidade a Jeová. Amargurada, enveredou pelo caminho errado da missão, propondo a Abraão que tivesse filhos com Agar, sua serva egípcia. “Esse modelo estava em harmonia com os costumes da Mesopotâmia durante a era patriarcal.”⁷ Mas não estava em harmonia com a vontade de Deus. Era o plano humano sem fé nas promessas feitas a Abraão (Gn 15:4). Eram as folhas de figueira de Adão e Eva (Gn 3:7), o “fruto da terra” do sacrifício sem sangue de Caim (Gn 4:3), “e tudo o que não provém de fé é pecado” (Rm 14:23).

Deus não necessitava da missão humana de Sara e Abraão, tentando ajudá-Lo. Ismael nasceu trazendo problemas (Gn 16:4-9) que até os nossos dias têm sido estorvo para a missão entre seus descendentes literais e espirituais. Sempre que tomarmos a iniciativa de suprir com ações humanas a ausência dos feitos poderosos do grande *El-Shadday*, colheremos a maldição do homem “que confia no homem” (Jr 17:5). Mas, “colaborando a vontade do homem com a de Deus, ela se torna onipotente”.⁸

Assim como no caso de Ismael, o proselitismo judeu também foi um desvio da missão divina. Diferente de evangelização, proselitismo é a ação de conquistar seguidores para um grupo, como um partido político. Horácio, poeta latino do primeiro século, dizia: “Se não queres vir voluntariamente, faremos como os judeus e te obrigaremos a vir”.⁹ Segundo Latourette, “pelo judaísmo helenístico, foram conquistados muitos conversos entre as comunidades gentias vizinhas. Os judeus estavam profundamente convencidos de que sua religião era a única verdadeira e que, algum dia, se tornaria mundial”.¹⁰

Quer seja pelo enfoque humano e de coação, ou porque os judeus “praticavam... todas as suas obras com o fim de serem vistos pelos homens” (Mt 23:5), Jesus condenou seu proselitismo: “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque rodeais o mar e a Terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!” (Mt 23:15). Os prosélitos eram judeus fanáticos. “Justino... conta que um judeu prosélito blasfema de Cristo duas vezes mais que um judeu de sangue.”¹¹ Muitos deles eram convertidos só na aparência e traíam o judaísmo. “O próprio Talmude chega a dizer que os prosélitos eram uma doença em Israel. E os apresenta como obstáculo à vinda do Messias.”¹²

Em 1882, Ellen White advertiu contra o perigo de hábitos e práticas não cristãs, iguais ao proselitismo ju-

deu: “A aquisição de membros que não foram renovados no coração nem reformados na vida é uma fonte de fraqueza para a igreja. Este fato é muitas vezes passado por alto. Alguns pastores e igrejas se acham tão desejosos de assegurar um aumento de membros, que não dão testemunho fiel contra hábitos e costumes não cristãos.”¹³

O plano de Deus

Abraão, com 100 anos, e Sara, com 90 anos e estéril, não podiam ser progenitores de multidões que abençoariam as nações. Por isso, *El-Shadday* apareceu a Abraão e lhe disse: “Anda na Minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre Mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente” (Gn 17:1, 2). Abraão devia ser diferente, deixar as práticas e os costumes pagãos, e cooperar com *El-Shadday*, caminhando com Ele e ser perfeito. Deus mudou os nomes do casal. O pai Abrão tinha que ser humilde e confiar no Senhor, a fim de poder ser “pai de numerosas nações” (Gn 17:4). Sarai, “minha princesa”, seria Sara, “a princesa”, ou “mãe de nações” (Gn 17:15, 16).

Abraão não podia entender como poderiam ter filhos. E voltou a pensar em Ismael: “Tomara que viva Ismael diante de Ti” (Gn 17:18). “Intercedeu em favor de Ismael a quem amava entranhavelmente e a quem considerava seu filho e herdeiro.”¹⁴ Preferia “o filho de seu plano, mesmo em lugar do que nasceria de Sara. Ademais, isso o livraria de ter que renunciar publicamente ao plano de fazer Ismael seu herdeiro.”¹⁵ Em Sua misericórdia, Deus lhe repetiu a fórmula de bênção dada a Adão e a Noé: “Quanto a Ismael, Eu te ouvi: abençoá-lo-ei, fá-lo-ei fecundo e o multiplicarei” (Gn 17:20). Era uma missão dentro da *missio Dei*, porém, fora do plano que tinha para Isaque. Era uma bênção sobre um Ismael não culpável. Mas, de todas as formas, “Ismael não podia ficar mais tempo no lar, sem pôr em perigo o plano de Deus para Isaque”, para quem convergiam a aliança divina e as bênçãos espirituais.¹⁶ Abraão devia

entender que “nossos planos são com frequência frustrados, a fim de que sejam cumpridos os planos de Deus a nosso respeito”.¹⁷

O segredo consiste em cooperar com o Todo-poderoso, fazendo discípulos que deem testemunho a toda nação, tribo, língua e povo.

Sinais de esperança

Assim como, nos anos 50, o cristianismo mudou em direção à *missio Dei*, nos anos 80, a Igreja Adventista começou a mudar na mesma direção, ao estabelecer a Crença Fundamental 17, sobre os dons e ministérios espirituais. E, novamente, mudou em 2005, ao acrescentar a crença intitulada “Crescimento em Cristo”.

A Igreja Adventista já penetrou em 204 dos 228 países, e trabalha de forma oral ou escrita em 817 idiomas e dialetos. Porém, existem 13.600 idiomas e dialetos vivos.¹⁸ A Bíblia está escrita em 6.600 desses idiomas e dialetos, falados por 6.405 milhões de pessoas, o que corresponde a 95,6% da população do mundo. Ainda é necessário divulgar a Bíblia em sete mil idiomas e dialetos falados por 286 milhões de pessoas, ou 4,4% da população mundial.¹⁹

Por outro lado, há entre doze mil a cem mil grupos em que necessitamos estabelecer o adventismo. De acordo com Mike Ryan, um dos vice-presidentes da Igreja Adventista, investimos 99,98% dos dízimos e ofertas em áreas em que a igreja está estabelecida, e apenas 0.02% em territórios de Missão Global. Na chamada Janela 10-40, vivem 60% dos habitantes do mundo, porém somente 10% de adventistas.²⁰

Como se percebe, ainda necessitamos de uma estratégia mais agressiva para alcançar todas as etnias. Felizmente, atitudes como humildade para corrigir erros e analisar as razões pelas quais, em alguns lugares, poucas pessoas são batizadas; maior interesse pela oração intercessora e pela busca do Espírito Santo, maior atenção aos ministérios dos dons espirituais, pequenos grupos como

estilo de vida, projeto como as 40 madrugadas, ciclo do discipulado, entre outros planos, evidenciam que estamos colaborando para que *El-Shadday* cubra toda a Terra com Sua glória. A igreja está se movendo conforme os seguintes princípios:

◆ Oração intercessora – deixar nas mãos de Deus a missão de abençoar todas as etnias, crescendo e multiplicando.

◆ O entendimento que a missão é, primeiramente, divina; depois, humana. É missão divina com a cooperação humana. Portanto, humildemente, devemos cooperar com Deus.

◆ A conscientização de que desvios de rota, como no caso de Sara e Abraão, proselitismo ou jogo de números com motivação não cristã, somente a enfraquecem.

◆ Sendo que toda a Bíblia trata da relação do Messias com as etnias, focalizar ainda mais a missão de cada igreja no estabelecimento de novas congregações em todos os bairros, tribos, povos, línguas e nações. ▀

Referências:

- 1 Walter C. Kaiser Jr., *Mission in the Old Testament: Israel as a Light to the Nations* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 11.
- 2 David Bosh, *Misión en Transformación: Cambios de Paradigmas en la Teología de la Misión* (Grand Rapids, MI: Libros Desafío, 2000), p. 477.
- 3 *Ibid.*, p. 479.
- 4 Francis D. Nichol, *Comentario Bíblico Adventista*, v. 1, p. 226.
- 5 Walter Vogels, *God's Universal Covenant: A Biblical Study* (Ottawa: University of Ottawa Press, 1986), p. 67, 68.
- 6 *Ibid.*, p. 68.
- 7 Sigfried H. Horn, *Diccionario Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Florida, Buenos Aires: Aces, 1995), p. 589.
- 8 Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 333.
- 9 Horácio, *Sátiras 1.4.142*, 143.
- 10 Kenneth Scott Latourette, *Historia del Cristianismo* (El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1983), p. 45.
- 11 Manuel de Tuyá, *Bíblia Comentada*, p. 505.
- 12 *Ibid.*
- 13 Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 319.
- 14 Sigfried H. Horn, *Op. Cit.*, p. 582.
- 15 Francis D. Nichol, *Op. Cit.*, p. 336.
- 16 *Ibid.*, p. 357, 331, 336.
- 17 Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, p. 473.
- 18 Associação Geral da IASD, *Annual Statistical Report 2000*, p. 67, 75.
- 19 David B. Barret, Todd M. Johnson e Peter F. Crossing, “*Missionetrics 2008*”, IBMR, v. 32, nº 1, p. 29, 30.
- 20 John Dybdahl, *Adventist Mission in the 21st Century*, p. 160, 161.



Professor do Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP

A linguagem positiva dos números

Precisamos avançar na utilização de instrumentos aferidores que ajudem no progresso da missão

O que todos nós desejamos, como pastores e membros da igreja adventista do sétimo dia, é vê-la crescer vigorosamente nos aspectos quantitativo e qualitativo. Desejamos conquistar cada vez maior número de membros e envolvê-los no discipulado.

Porém, além dos projetos de trabalho em andamento, de que outra forma os pastores podem ser ajudados a estimular seus líderes associados e congregações locais a buscar esse modelo de crescimento sustentável? Existe uma proposta, utilizada por muitas igrejas que crescem equilibradamente, cujo passo inicial é o cálculo estatístico de seu crescimento.

Trata-se de um método científico de comprovada eficácia. É tecnicamente denominado cálculo da Taxa de Crescimento Anual (TCA) e, em consequência, da Taxa de Crescimento Decenal (TCD).

Conhecendo a TCA e a TCD

Tomemos como exemplo uma igreja real, a que chamaremos de "Igreja A", e seu crescimento líquido

anual bem como o crescimento global durante uma década.

Observe com atenção: O ponto de partida para o cálculo é o ano 1996 e

TABELA 1 – IGREJA "A"						
Ano	Membros	% TCA	Transferências recebidas	Membros transferidos	Batismos	Remoção e mortes
1996*	157	-	-	-	-	-
1997	162	3,2	-	-9	19	-5
1998	171	5,6	-	-11	24	-4
1999	179	4,7	-	-14	28	-6
2000	189	5,6	-	-15	33	-8
2001*	220	16,4	4	-4	22	-
2002	245	11,4	6	-6	26	-1
2003	277	13,1	10	-5	27	-
2004*	323	16,6	14	-1	33	-2
2005	372**	15,2	30	-12	31	-
2006	432	16,1	32	-	30	-2
% TCD	166,7	-	-	-	-	-

*Anos em que houve mudança de pastor. ** Neste ano, a igreja começou a fazer dois cultos sabáticos.

a primeira coluna contém o número de membros no dia 31/12 de cada ano. A TCA é encontrada fazendo-se uma regra de três simples: $162 \times 100/157 = 103,2$. Ou seja, a igreja experimentou 3,2% de crescimento, de 1996 para 1997. O mesmo método é utilizado para o cálculo da TCD: $432 \times 100/162 = 266,7$. Descontando-se 100, temos então um crescimento de 166,7% durante a década.

A escala do crescimento

Depois de estudar as TCDs de várias igrejas, eruditos têm estabelecido a escala de avaliação verificada na tabela 2.

TABELA 2 – TAXAS DE CRESCIMENTO DECENAL	
Avaliação	Observação
25%	Pobre. Crescimento aproximado de 2,5% ao ano, quase um decreto de morte para a igreja. É preciso examinar a saúde global da igreja e realizar as reformas necessárias, a fim de que ela cresça em vitalidade.
50%	Regular. A igreja se mantém apenas no nível da sobrevivência. A menor tendência para redução da TCD já requer exame das marcas de qualidade de uma igreja sadia e efetivação de reformas.
100%	Bom. A igreja duplica o número de seus membros a cada dez anos. A liderança deve se manter vigilante e ativa, para que a igreja não recue desse patamar.
200%	Muito bom. Aqui está um nível surpreendente. Geralmente acontece com igrejas menores e novas. Esse é um índice ideal. A igreja precisa estar preparada para receber os novos conversos, nutri-los, treiná-los e integrá-los na missão.
300%	Excelente. Duplicar o número de membros a cada três anos e meio é um feito notável. Estruturas de absorção precisam ser criadas, para que não haja abandono da fé. Membros antigos devem desenvolver ministério de apoio aos novos conversos e de auxílio ao ministério pastoral.
500%	Fora do comum. Ocorre em áreas que se abrem à pregação do evangelho, depois de algum evento que abalou a comunidade, bem como através do plantio de igrejas em locais de migração, em que as pessoas procuram estabelecer raízes, contato e amizade.

Quando se mantém controle detalhado de pelo menos uma década de crescimento da igreja, o pastor tem melhores condições de acompanhar a realidade do que acontece em sua congregação. Uma igreja que batiza muitas pessoas, mas perde muitas outras por apostasia necessita diagnosticar as razões disso e implementar os programas necessários para resolver o problema. Por outro lado, se uma igreja perde poucas pessoas, mas também não batiza, necessita implementar atividades de recrutamento missionário, treinamento, capacitação, descoberta de dons espirituais, realizar campanhas evangelísticas, entre outras atividades missionárias.

A abordagem dos cálculos das TCA e TCD possibilita à igreja uma compreensão mais ampla de si mesma e do trabalho que precisa ser feito. Até a mudança de pastor em 2001, a “Igreja A” não vivia seu pleno potencial de crescimento. Com a chegada do novo pastor, um novo estilo de liderança foi implantado e a Tabela 3 revela os resultados disso.

Observe na tabela a TCA de ofertas e dízimos e compare-a com a TCA de membros. Em 2001, houve considerável incremento na TCA de membros. Caso essa taxa tivesse continuado como era até o ano 2000, a

igreja apresentaria uma minguada TCD de 20,4%. Percebe-se que o problema não se restringe a números baixos. Mas, por falta de conhecimento, pessoas teriam deixado de ser conquistadas e não haveria recursos disponíveis para o trabalho.

Note ainda o crescimento de dízimos na mesma igreja. Até o ano 2000, a TCA dos dízimos e ofertas esteve perto do mesmo ritmo “pobre” do crescimento em número de membros. O quadro mudou a partir de 2001. Quando alguém imprime um ritmo mais vigoroso de trabalho, a igreja percebe que está crescendo, que a missão está sendo cumprida e os resultados são vistos. Os membros se tornam mais confiantes e desejosos de investir na causa.

A tabela 4 mostra uma igreja diferente da igreja retratada nas tabelas 1 e 3. Com a chegada de um novo pastor, a igreja da tabela 4, que chamaremos de “Igreja 1”, depois de experimentar um ritmo pobre de crescimento, cresceu e frutificou duas congregações (igrejas 2 e 3).

A igreja-mãe (igreja 1) aumentou suas TCAs a partir de 2002, ano em que investiu muito no evangelismo.

TABELA 3 – IGREJA “A”							
Ano	Membros	% TCA	Dízimos (mil reais)	% TCA	Dízimos por pessoa	Ofertas (mil reais)	% TCA de ofertas
1996	157	-	188	-	1.200	37,7	-
1997	162	3,2	194	3,2	1.200	38,9	3,1
1998	171	5,6	205	5,7	1.200	41,0	5,4
1999	179	4,7	204	-0,5	1.140	38,6	-5,9
2000	189	5,6	208	2,0	1.100	34,0	-12
2001*	220	10,4	264	26,9	1.200	52,8	55,3
2002	245	11,4	300	13,6	1.224	64,7	22,5
2003	277	13,1	349	16,3	1.260	83,1	28,4
2004*	323	16,6	408	16,9	1.260	100,7	21,2
2005	372	15,2	482	18,1	1.295	111,1	10,3
2006	432	16,1	570	18,3	1.320	129,6	16,7
% TCD	166,7	-	193,8	-	-	233,2	-

*Anos em que houve mudança de pastor.

Igreja 1		96	97	98	99	00	01*	02	03	04*	05	06	TCD %
Nº Membros	1)	699	710	719	701	711	718	754	771	817	881	951	34,0
	2)	-	-	-	-	-	112	149	**184	216	255	288	157,2
	3)	-	-	-	-	-	-	-	102	153	**190	228	123,5
TCA %	1)	-	1,6	1,3	-2,5	1,4	1,0	5,0	2,3	6,0	7,8	8,0	TCD das três igrejas juntas = 106,6%
	2)	-	-	-	-	-	-	33,0	23,5	17,4	18,1	12,9	
	3)	-	-	-	-	-	-	-	-	50,0	24,2	20,0	
Entrada membros	1)	-	0	0	0	0	8	6	10	14	30	32	
	2)	-	-	-	-	-	46	6	12	7	11	5	
	3)	-	-	-	-	-	-	-	31	13	8	11	
Saída Membros	1)	-	-9	-11	-26	-15	-39	-6	-31	-1	-12	-4	
	2)	-	-	-	-	-	-	-	-	-1	-2	-4	
	3)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
Batismos	1)	-	-	-	-	-	38	36	38	33	46	44	
	2)	-	25	24	16	33	66	31	23	26	32	33	
	3)	-	-	-	-	-	-	-	71	38	29	28	
Remoção e morte	1)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-6	-2	
	2)	-	-5	-4	-8	-8	-	-	-1	-2	-2	-1	
	3)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-1	

*Nestes anos houve mudança de pastor. - **Nestes anos os grupos se tornaram igrejas

A mudança de pastor, efetuada em 2004, não alterou o ritmo, pois a igreja continuou investindo no plantio de novas igrejas.

Realidades observáveis

Diante do que foi exposto pelos números nas tabelas, é possível chegarmos a conclusões significativas:

- ◆ Igrejas novas crescem mais que igrejas antigas.
- ◆ Igrejas menores crescem mais que igrejas maiores.

◆ Igrejas nas quais os membros são treinados e participam ativamente da missão perdem menos membros do que igrejas que crescem exclusivamente pelo trabalho do ministério assalariado.

◆ Igrejas que têm eficiente programa de discipulado crescem mais e perdem menos.

◆ Igrejas situadas em áreas de migração (novos bairros, áreas de catástrofes) são mais suscetíveis ao crescimento.

◆ Igrejas cuja faixa etária dos membros é mais jovem crescem mais que igrejas cujos membros envelheceram.

◆ Igrejas com famílias jovens e sem filhos ou com

filhos pequenos crescem mais do que igrejas sem esse grupo de pessoas.

◆ Igrejas cujos membros têm rendimento econômico mais alto tendem a crescer menos do que igrejas cujos membros têm entradas mais modestas.

Se realmente estamos comprometidos com o crescimento da igreja e com a incorporação do maior número possível de pessoas no reino de Deus; se nosso compromisso é com a expansão do evangelho e a crescente influência de Deus sobre corações humanos, necessitamos também crescer em nossa compreensão sobre como fazer isso e, principalmente, como criar uma cultura corporativa saudável em que todos saibam e entendam, por todos os sinais emitidos, o caminho desse crescimento sustentável e sadio. ▀





Capelão no Memorial Herman Hospital, Houston, Texas, Estados Unidos

A arte de ouvir

Qualquer ideia que tenhamos a respeito do sofrimento de alguém é apenas conjectura. Assim, necessitamos ouvi-lo, mais do que ele a nós



Foto: William de Moraes

A arte de ouvir pode ser um desafio para pastores que estão frequentemente ocupados e preocupados com o preparo de sermões, reuniões de comissão, seus pro-

blemas pessoais e uma série de outras questões. Apesar disso, os membros da igreja precisam ter a confiança de que o pastor os ouvirá, especialmente em tempos de necessidades.

Pastores habilidosos e competentes não apenas ouvem, mas ouvem ativamente. Ouvir ativamente requer empatia, que é a capacidade para colocar de lado pensamentos, agenda

e sentimentos pessoais, para entrar no mundo da outra pessoa. Esse modo de ouvir habilita a pessoa a ver as preocupações de outra, a partir da perspectiva desta. Pastores com personalidade forte ou aqueles cujo principal foco está em alguma outra coisa, acharão isso especialmente difícil. A disposição de ouvir ativa e compassivamente pode também ser estranha a muitos pastores, porque, em algum momento, eles mesmos necessitaram e não tiveram alguém que os ouvisse. Para ser bom pastor do rebanho, alguém necessita aprender como ouvir e ouvir ativamente.

Treinamento

Uma das dificuldades para se ouvir ativamente é que esse tema não tem sido realçado na educação teológica. Os pastores aprendem a ser exegetas e pregadores; habilidade para ouvir, ao que parece, já é um pressuposto. Pelo fato de que poucas pessoas naturalmente sabem pregar, requer-se dos pastores que sejam treinados em homilética. Deles também se espera que desenvolvam habilidades exegéticas, por isso, necessitam estudar a Bíblia. Porém, a quantos é ensinada a arte de ouvir?

Sendo, na verdade, uma habilidade complexa, a arte de ouvir nem sempre é adquirida naturalmente. Por exemplo, Jesus muitas vezes falou de Sua crucifixão, mas os discípulos pareciam não ser muito bons ouvintes, pois demonstraram não ter compreendido esse ponto. Os pastores contemporâneos podem até sentir que são bons ouvintes, mas, provavelmente sejam limitados nessa habilidade a menos que intencionalmente a cultivem.

A vasta literatura sobre esse assunto normalmente encoraja as pessoas a deixar de lado preconceitos, ideias e opiniões pessoais, tendência natural para falar, e simplesmente ouvir. Essa é uma disciplina que requer educação. Entre alguns dos fundamentos da arte de ouvir podemos mencionar os seguintes: honesto contato visual, atenciosa linguagem corporal, estilo vocal apropriado e atitude calma.

Talvez, uma barreira que impede ouvir efetivamente é o fato de que esse trabalho não é tipicamente recompensado como são as atividades de batismos, coleta de recursos e apresentação de bons sermões. Ademais, os pastores, geralmente conhecidos como indivíduos inteligentes, são tentados a falar mais do que ouvir. Insegurança pastoral e a necessidade de parecer competente ou tendo controle da situação podem ser outras barreiras à arte de ouvir efetivamente. Também pode ser que os pastores lutem contra seu próprio sofrimento e não se sintam à vontade para ouvir outros.

Cuidando de corações

Quando pastores enfrentam situações diante das quais não sabem como agir nem o que dizer, podem se sentir desamparados. Esse sentimento de impotência também pode levar à conversa superficial que minimiza o ato de ouvir cuidadosamente. Como pastor, capelão e ser humano, tenho sentido esse desamparo especialmente quando tenho que lidar com pessoas morrendo ou observar uma equipe médica tentando ressuscitar alguém. Em tais ocasiões, as pessoas necessitam de um compassivo coração ouvinte, mais do que uma mente racional, intelectual, falante, que muito provavelmente repetirá chavões ou coisa pior.

Durante o exercício do meu pastorado em certo lugar, assumi a tarefa de construir um novo templo. Um dia, enquanto dialogávamos sobre o assunto com alguns irmãos, uma idosa senhora vociferou fortemente sua discordância quanto ao projeto, argumentando que as antigas instalações estavam excelentes. Ouvindo-a com atenção, pude compreender que sua discórdia continha, parcialmente, um desejo de partilhar lembranças de batismos, funerais de pessoas queridas e casamentos realizados no velho templo. Deixei de lado minha agenda, para que pudesse ouvi-la. Isso tomou muito tempo, mas à medida que eu pacientemente

a ouvia recontar suas lembranças, todos perceberam que foi minguando sua oposição ao novo templo.

Ouvir se torna especialmente vital quando as pessoas experimentam algum sofrimento. Justamente porque também, às vezes, nós experimentamos situação igual, assumimos que as compreendemos. Uma forma típica de as pessoas consolarem outras é dizer: “Sei como você se sente”, ou “compreendo o que você está passando”. Na verdade, essas frases podem minimizar o sofrimento da pessoa sofredora ou fazê-la se sentir ainda mais incompreendida e solitária. É mais apropriado dizer: “Não posso imaginar o que você está experimentando agora, mas quero que saiba que estou aqui com você e estou aberto para ouvir, caso você queira falar sobre sua experiência”.

Num caso recente, uma senhora idosa ficou simplesmente desolada quando seu esposo morreu em um acidente de carro. Durante o funeral, um membro fiel da igreja tentou consolá-la com estas palavras: “Eu sei como a irmã se sente. Meu filho foi atropelado por um carro e morreu, dois anos atrás”. Evidentemente, essa foi uma tentativa de ajuda. Porém, é o caso de se perguntar: Essa pessoa expressou empatia para com a viúva ou tratou do assunto a partir de sua perspectiva? Certamente, foi a segunda opção. Nenhum caso é idêntico, não importa quão similares eles pareçam ser. As pessoas são diferentes e reagem de modo diferente a tragédias aparentemente iguais.

Ao mesmo tempo, suponha que aquela esposa angustiada procurasse seu pastor. Quão ajudador teria sido se ele comesse a falar sobre a existência de Deus, a realidade do mal, noções do amor de Deus ou algum outro tema desse tipo? Isso não ajudaria muito. A viúva não estaria perguntando sobre a teologia do sofrimento humano; ela necessitava de cuidado, ser ouvida. Nesse caso, sermonear se torna impróprio. Em contraste, ouvir ativamente não é apenas apropriado, mas crucial. O ato de ouvir comunica

o cuidado humano que, por sua vez, demonstra o cuidado divino. Ouvir demonstra preocupação ativa, não somente de palavras.

Simplesmente ouça

Lembro-me de que, quando eu era um jovem pastor, estava sempre pronto a defender Deus, mas era leniente em ouvir o povo de Deus. Esse é um trabalho árduo, que demanda todo o foco de alguém e exige muita energia mental. Os pastores podem ter ouvido e compreendido as palavras de uma pessoa que está sofrendo, mas, compreendem eles realmente o que ela sente e como os sentimentos têm impactado a vida dela? Ouvir ativamente envolve tentar identificar as emoções e preocupações de uma pessoa, mas sem comunicar a ideia de “eu sei o que você está sentindo ou passando”. Isso é porque, muito frequentemente, não compreendemos o que as pessoas estão passando.

Qualquer ideia que tenhamos a respeito do que outros estão experimentando é apenas conjectura. Essa compreensão deve nos ajudar a tirar os preconceitos de nossa mente e ser cuidadosos em nossa maneira de nos aproximarmos das pessoas angustiadas. Isso significa que devemos ter cuidado com o que vamos dizer, escolhendo as palavras mais apropriadas. As pessoas às quais nós ministramos sabem melhor o que estão sentindo. Assim, necessitamos ouvi-las, mais do que elas necessitam nos ouvir.

Os pastores estão em elevada posição para cuidar e ouvir. Nenhum outro profissional que lida com pessoas tem acesso íntimo tão grande à vida delas. Assim sendo, o único papel de quem presta cuidado deve ser maximizado por ouvir ativa e empaticamente. “Ouvir, ouvir, ouvir, então ouvir mais, antes de qualquer ação ou dar conselho”¹ É ouvindo que conquistamos o direito de falar.

A arte de ouvir é exigente, é um extraordinário dom e requer humildade. A Bíblia nos ensina: “Nada façais por partidarismo ou vanglória,

mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:3, 4). Em outras palavras, ouvir ativamente requer renúncia do eu em favor de alguém, aceitação do outro, respeito pelo outro e encorajamento a ele para que fale.

Um componente primário da arte de ouvir inclui evitar mudar de assunto. Essa arte também demanda que fiquemos à vontade ao tratar de assuntos difíceis como morte, ira, sofrimento, confusão e culpa. Muitas vezes, os pastores são muito rápidos para falar, citar textos bíblicos, orar e desviar para o que eles sentem que o Senhor deseja que o povo sinta, pense e diga. Não raro, a última coisa que a pessoa necessita é de alguém que mude a conversa sobre o que lhe causa sofrimento, dor e preocupação para outro tema alheio às circunstâncias do momento.

Outro componente da arte de ouvir envolve o conhecimento e conscientização das diferenças culturais, genéticas, de personalidade e religiosas. Por exemplo, o contato visual entre nativos do sudoeste norte-americano pode significar um ato hostil; a distância física entre dois interlocutores pode variar de uma

cultura para outra (pessoas do Oriente Médio tendem a manter distância menor entre eles do que muitos ocidentais estão acostumados), assim como a tonalidade da voz também varia entre algumas culturas.² Necessitamos evitar estereótipos, e será muito benéfico estarmos atentos às diferenças na comunicação.

Há “tempo de estar calado e tempo de falar” (Ec 3:7). Conselheiros habilidosos necessitam compreender teorias, metodologias, e devem ser capazes de falar confidente e prudentemente para intervir durante ocasiões de trauma psicológico e espiritual. Entretanto, muitos pastores provavelmente aperfeiçoariam seu ministério falando menos e ouvindo mais.

Está você ouvindo ativamente seu rebanho? O coração humano, às vezes, oscila entre alegria e sofrimento. Todos têm histórias para contar e emoções para partilhar. Ao ouvi-los ativamente, você estende a graça de Deus àqueles que tão prementemente necessitam dela. Você pode ser um grande agente de cura. O que existe mais pastoral do que isso? ▀

Referências:

¹ Allen E. Ivey, Norma B. Gluckstern e Mary Bradford Ivey, *Basic Attending Skills* (North Amherst, MA: Microtraining Associates, 1997), p. 6.

² *Ibid.*, p. 20.





MORRE O PASTOR JAMES CRESS

Aos 60 anos, faleceu no dia 26 de novembro o pastor James A. Cress, secretário ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, função que ocupava desde o ano 1992. O pastor Cress estava internado no Centro Médico da Universidade de Maryland, em Baltimore, onde lutava contra uma infecção causada por algum vírus, supostamente adquirido em uma de suas viagens.

Antes de trabalhar na Associação geral, o pastor James Cress pastoreou igrejas, foi secretário ministerial e evangelista, na União Centro-América, nos Estados Unidos. Ele se formou em Teologia no Southern Missionary College, cursou mestrado na Universidade Andrews, e doutorado, no Seminário Teológico Fuller, na Califórnia.

Definindo-se como “pastor emprestado à sede da Associação Geral”, Cress escreveu vários livros e artigos, além de desenvolver outras atividades relacionadas ao crescimento espiritual e vocacional de pastores de todo o mundo. Um dos seus mais destacados tra-

balhos foi ampliar e fortalecer a distribuição da revista *Ministry* entre pastores de outras denominações religiosas.

O pastor Cress deixa a esposa, Sharon, diretora mundial da Área Feminina da Associação Ministerial. “Estamos consternados”, afirmou o pastor Jan Paulsen, presidente da AG, “compreendendo a profundidade do trabalho que realizamos; trabalho que apresenta desafios à nossa saúde e de nossos familiares. Essa é uma grande perda para a irmã Sharon e para a Igreja.”



Pastores Heriberto Peter, Ignácio Kalbermatter, Marlinton Lopes e Leonino Santiago

MUDANÇAS ADMINISTRATIVAS

Depois da criação da União Noroeste-Brasileira, desmembrada da União Norte, com sede em Manaus, a União Austral, com sede em Buenos Aires, também foi reestruturada, originando as Uniões de Igrejas do Uruguai e do Paraguai, países que anteriormente sediavam Missões. Para liderar a União de Igrejas do Uruguai, foram nomeados os pastores Heriberto Peter (presidente), Roberto Pinto (secretário) e Carlos Biaggy (tesoureiro). Por sua vez, a União de Igrejas do Paraguai será liderada pelos pastores Ignácio Kalbermatter, Luiz Martinez (secretário) e Nilson Fontana (tesoureiro).

Como substituto do pastor Kalbermatter, na presidência da União Sul-Brasileira, foi nomeado o pastor Marlinton Lopes que foi substituído na União Norte-Brasileira pelo pastor Leonino Santiago.

AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO

Entre os dias 9 e 12 de novembro, foi realizada a reunião da Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana, em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia. O encontro reuniu aproximadamente 150 líderes que avaliaram as atividades missionárias já desenvolvidas e definiram os rumos da igreja adventista nos oito países que compõem a Divisão: Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru e Equador.

Na mensagem de abertura, o pastor Mark Finley, vice-presidente da Associação Geral, destacou a importância do Espírito Santo na vida de cada crente, a fim de que a missão seja cumprida. “Podemos fazer alguma coisa com nossa sabedoria e com nossos recursos. Mas, quando pensamos nos desafios da América do Sul, sem o Espírito Santo, nada conseguiremos”, disse o pregador.

O presidente da DSA, pastor Erton Köhler, realçou os números do projeto Futuro com Esperança. De acordo com seu relatório, pelo menos 1 milhão e 400 mil pessoas assistiram à programação evangelística, via satélite, realizada em duas semanas pelo pastor Finley, nos dois idiomas predominantes na Divisão Sul-Americana. Cerca de quinze mil pontos de pregação transmitiram o evento.

NOVOS CAMPOS

Foi aprovada pela Comissão diretiva da Divisão Sul-Americana a mudança de *status* de Missão para Associação dos seguintes Campos: Missão Paulista do Vale do Paraíba, com sede em São José dos Campos, SP, e Missão Maranhense, São Luís, MA. Outra decisão da Comissão prevê a reorganização da Associação Peruana Central Norte, sediada em Lima, que deve dar origem a uma Associação e uma Missão. No Brasil, também será feito estudo sobre a possibilidade de se reorganizar a Missão Sergipe-Alagoas, tendo em vista a criação de uma nova Missão.

FAAMA ABRE AS PORTAS

Inaugurada em agosto, a Faculdade Adventista da Amazônia, Faama, realizou no dia 15 de novembro seu primeiro exame vestibular nacional, para o Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, atraindo a média de nove candidatos para cada uma das 55 vagas disponibilizadas. Além do curso teológico, também será oferecido o Ensino Médio, em regimes de internato e externato.

O Seminário Teológico da Faama é dirigido pelo pastor Davi Tavares, recentemente chegado da Universidade Andrews, e terá corpo docente qualificado com professores egressos do Seminário das Faculdades Adventistas da Bahia e da própria Andrews. De acordo com o professor Valdimiro Laurindo, diretor geral da instituição, até junho deste ano, ainda serão inaugurados o Centro White, um museu da história da igreja adventista no norte brasileiro e a biblioteca.

INSTITUIÇÕES MISSIONÁRIAS

Apesar da crise financeira que recentemente assustou o mundo, as instituições adventistas da DSA apresentaram resultados alentadores na distribuição de seus produtos. Mas, além desse aspecto, os resultados missionários foram marcantes. Na Casa Publicadora Brasileira, 179 servidores participaram do projeto Lares de Esperança, recebendo cerca de 400 pessoas em suas casas. A Associação Casa Editora Sudamericana também experimentou crescimento espiritual e envolvimento missionário, o mesmo acontecendo com as indústrias alimentícias Granix e Superbom.

A Rede Novo Tempo tem cumprido seu papel missionário através das mais de 80 emissoras de rádio e mais de 400 emissoras em sinal aberto de TV, além da transmissão em canal fechado e do evangelismo via internet.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Entre as comemorações do trigésimo aniversário das Faculdades Adventistas da Bahia, foi inaugurada a biblioteca do Seminário Teológico a qual passou a chamar-se “Biblioteca Pastor José Mascarenhas Viana”. Depois de ter trabalhado naquela instituição como professor de Teologia,

o pastor Viana foi secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana, até sua morte em julho de 2007.

Na fotografia, aparecem o Dr. Elias Brasil de Souza, diretor do Seminário, e sua esposa, professora Mágila (à esquerda), Joyce e Vasti Viana (à direita), respectivamente filha e esposa do pastor Viana. Elas doaram ao Seminário Teológico da Bahia os mais de dois mil volumes da biblioteca do saudoso pastor.



Cortesia Faculdades Adventistas da Bahia

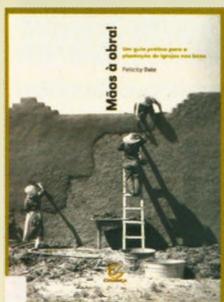


COMO SAIR DA DEPRESSÃO

Neil Nedley, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 272 páginas.

As informações contidas neste livro certamente trazem esperança aos que

sofrem com a depressão. Conheça, entre outras coisas, a proposta de cura em vinte semanas, que já trouxe alívio a muitas pessoas. Além dos benefícios pessoais de sua leitura, você poderá compartilhar as orientações deste livro com familiares, amigos e membros da igreja.



MÃOS À OBRA!

Felicity Dale, Editora Evangélica Esperança, Curitiba, PR, eee@esperanca-editora.com.br; 189 páginas.

Igreja no lar não é simplesmente mudar do banco para o sofá.

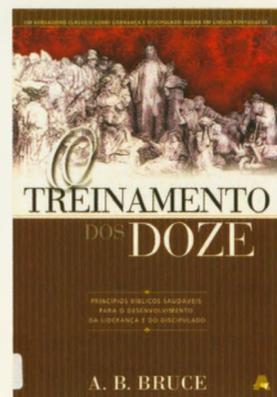
Ela tem que ver com

isto: uma comunidade relacional do povo de Deus com a missão de evangelizar o mundo. Este livro é um guia simples com uma coleção de ideias que podem ajudar a plantar igrejas nos lares.

O TREINAMENTO DOS DOZE

A. B. Bruce, Arte Editorial, São Paulo, SP, tel.: (11) 3923-0009, editora@arteeditorial.com.br; 481 páginas.

Este livro contém princípios bíblicos saudáveis para o desenvolvimento da liderança e do discipulado. Extrai das Escrituras os métodos usados por Jesus na formação e no treinamento dos Seus seguidores. Assim, sua leitura se torna indispensável a pastores, professores, seminaristas e todos aqueles que têm interesse em cumprir a ordem do Mestre: “Ide... fazei discípulos”.



LOUVOR, ADORAÇÃO E LITURGIA

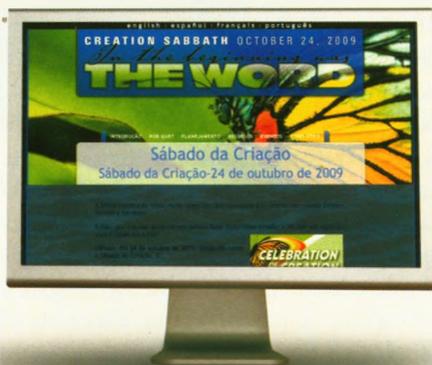
Rubem Amorese, Editora Ultimato, Viçosa, MG, tel.: (31) 3891-3149; fax (31) 3891-1557, www.ultimato.com.br; 164 páginas.



Um livro para adoradores que desejam crescer em sua prática devocional, seja particular, familiar ou coletiva. O autor nos desafia a uma adoração que começa “no quarto”, em referência à recomendação de Cristo: “entra no teu quarto e, fechada a porta...” A abordagem parte do aspecto pessoal, concentra-se no ambiente familiar e, então, culmina com liturgia da igreja.

VEJA NA INTERNET

www.creationsabbath.net/pt



Esse site foi criado para partilhar sermões, histórias, visuais, planos e outros recursos sobre o sábado da criação, dentro de um projeto promovido pela Igreja Adventista em diversos países. Entretanto, seu conteúdo continua sendo útil para uso em outras ocasiões. A barra, no alto da tela, mostra que além de material em português, há também recursos em outras línguas. O conteúdo em inglês é o mais rico. Vale a pena ver os **Artigos** (Articles) e **Demais recursos** (More Resources). Quando precisar de inspiração ou conteúdo sobre o sábado da criação, lembre-se deste site. – Márcio Dias Guarda



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Transpiração ou milagres?

O suor é um líquido, composto de dióxido de carbono e vapor de água, segregado naturalmente pelos poros. Isso ocorre em maior quantidade quando a temperatura ambiental é elevada ou quando o corpo gera calor como, por exemplo, durante atividade física e situações de estresse. Esse é o processo da transpiração.

Entre as funções da transpiração, podemos destacar a termorreguladora, que mantém o organismo em temperatura estável e ideal, a desintoxicante, que elimina toxinas, e a refrigeradora, em que as glândulas sudoríparas passam a água tirada do sangue através dos poros expulsando-a do corpo, e o calor do corpo a evapora diminuindo assim a temperatura interior.

Além do aspecto fisiológico, usamos a expressão suar, ou transpirar, como ilustração da dedicação ou paixão por um ideal, comprometimento e centralização do foco em uma causa, tanto no aspecto quantitativo como qualitativo.

Outro ano está diante de nós. Tempo de esperança, novos desafios e metas, o sonho de ver Cristo voltar. Estamos precisando de mais transpiração? Mais identificação? Mais comunhão? Mais foco na missão? Mais trabalho? Mais comprometimento? Acaso, não precisamos desintoxicar nosso organismo, eliminando o mal do orgulho e egoísmo, mantendo a temperatura ideal do primeiro amor, refrigerada permanentemente pela Fonte de vida? Ou necessitamos de mais milagres?

Um milagre é uma intervenção divina, ato sobrenatural que se percebe ou recebe através da fé. Para alguns, é simplesmente um fato natural que evidencia a existência e soberania de Deus e manifesta Seu amor para com os seres humanos. Para outros, é apenas uma hipótese que pretende explicar certos fenômenos sem nenhuma comprovação científica possível. E, para quem não quer acreditar, milagre é ausência de sentido comum, defeito ou debilidade do necessitado coração humano.

É imperiosa a intervenção divina e soberana do Senhor, a manifestação suprema e diária de Seu amor, fazendo de cada um de nós fiéis e vitoriosos em nossa experiência cristã. Estamos desejosos e necessitados de

que este mundo de maldade e pecado tenha fim. Sonhamos com uma vida nova, perfeita e eterna. Para que isso seja possível, o que é mais necessário: mais transpiração ou mais milagres?

Os servos encheram os potes com água, fizeram seu trabalho, e o Senhor realizou o milagre de transformá-la no melhor vinho. Os discípulos repartiram uns poucos pães e peixes e Jesus fez o milagre de que o insuficiente fosse multiplicado e abastecesse abundantemente a multidão. Os discípulos tiraram a pedra e Deus realizou o milagre da restauração da vida ao corpo morto de Lázaro.

Escreveu Ellen White: “Antes do cair da noite, a promessa de Deus a Josué fora cumprida. Toda a hoste do inimigo havia sido entregue em sua mão. Por longo tempo deviam os eventos daquele dia ficar na memória de Israel. ‘Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, ouvindo o Senhor assim a voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel.’ ‘O Sol e a Lua pararam nas suas moradas; andaram à luz das Tuas frechas, ao resplendor do relâmpago da Tua lança. Com indignação marchaste pela terra, com ira trilhaste as nações. Tu saíste para salvamento do Teu povo’ (Hb 3:11-13).

“Josué recebera a promessa de que Deus certamente subverteria aqueles inimigos de Israel; contudo, aplicou tão decididos esforços como se o êxito dependesse unicamente dos exércitos de Israel. Fez tudo que a energia humana podia fazer, e então, pela fé, clamou rogando auxílio divino. O segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano. Aqueles que levam a efeito os maiores resultados são os que mais implicitamente confiam no braço do Todo-poderoso” (*Patricarcas e Profetas*, p. 508, 509).

Vivemos em tempo emprestado, tempo de desconto, tempo de esperança. O Senhor fez muitos milagres a partir do nada, mas também fez muitos milagres a partir de muita transpiração. Trabalhem como se tudo dependesse de nós; trabalhem como se tudo dependesse de Deus. Precisamos transpirar mais, testemunhar mais milagres, para que a noite termine e, juntamente com o Sol da Justiça, brilhemos por toda a eternidade. ■

Prepare-se, faça parte e envolva as frentes missionárias neste projeto.

NO MÊS DE MAIO A IGREJA ADVENTISTA IMPACTA

Fique por dentro:

8 de Maio

Dia de Oração e Jejum

15 de Maio

Impacto Esperança

Distribuição de 30 milhões de revistas

16-22 de Maio

Semana da Família

22 de Maio

Lares de Esperança

Distribuição do livro Tempo de Esperança



www.esperanca.com.br
www.portaladventista.org

UM **DIA** de
ESPERANÇA